



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III – GUARABIRA/PB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA:
TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS NOS ESPAÇOS URBANOS.**

JONAS RAFAEL FERREIRA DO NASCIMENTO

**CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E SELETIVIDADE ESPACIAL: UMA
ANÁLISE DA CIDADE DE GUARABIRA/PB**

**GUARABIRA
2020**

JONAS RAFAEL FERREIRA DO NASCIMENTO
**CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E SELETIVIDADE ESPACIAL: UMA
ANÁLISE DA CIDADE DE GUARABIRA/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Geografia, Território e Planejamento: urbano, rural e ambiental.

Orientadora: Prof.^a Me. Aletheia Stedile Belizário

GUARABIRA
2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244c Nascimento, Jonas Rafael Ferreira do.
Circuitos da economia urbana e seletividade espacial
[manuscrito] : uma análise da cidade de Guarabira/PB / Jonas
Rafael Ferreira do Nascimento. - 2020.
55 p. : il. colorido.
Digitado.
Monografia (Especialização em Geografia, Território e
Planejamento: Urbano, Rural e Ambiental) - Universidade
Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Pesquisa, 2020.
"Orientação : Profa. Ma. Aletheia Stedile Belizário ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."
1. Circuitos da economia urbana. 2. Uso do Território. 3.
Seletividade Espacial. I. Título
21. ed. CDD 910

JONAS RAFAEL FERREIRA DO NASCIMENTO

**CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E SELETIVIDADE ESPACIAL: UMA
ANÁLISE DA CIDADE DE GUARABIRA/PB**

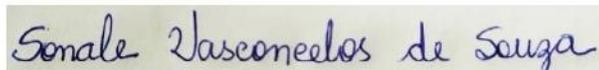
Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à banca examinadora da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para cumprimento do curso de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental.

Aprovada em **05/12/2020**.

Banca Examinadora



Prof^a. Me. Maria Aletheia Stedile Belizário
Mestrado Acadêmico em Geografia MAG/UECE
Departamento de Geografia UEPB/CH
Orientadora



Prof^a. Me. Sonale Vasconcelos de Souza
Mestrado em Geografia UFPB
IFPB – Campus Itaporanga
Examinadora



Prof^a. Me. Ana Carla dos Santos Marques
Mestrado Acadêmico em Geografia UFRN
Departamento de Geografia UEPB/CH
Examinadora

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus em primeiro lugar pelo dom da vida, e entendendo que a essência não precede a existência, mas que a primeira é construída, consequência da segunda, me sinto responsável por cada escolha e colocação já feita neste trabalho; dando continuidade não posso deixar de acrescentar que as influências, os elementos externos me levaram a escolher de forma diferente em diferentes momentos, os elementos e a forma de fazer esse trabalho, o qual me orgulho. Agradecer a família pode parecer clichê, entretanto se faz essencial em minha vida. Assim agradeço a minha família, meus pais **Josinaldo e Marilene** e minha irmã **Vanessa** que sempre me apoiou em momentos de dificuldade em que estive num mar de dúvidas e incertezas, quando a lucidez parecia ter desaparecido, agradeço a minha namorada **Beatriz**, que hora foi afago, hora devaneio nos últimos anos.

Agradeço aos meus colegas e amigos, de modo especial os mais próximos, os que fiz durante a caminhada da graduação e da especialização, pelos momentos de descontração risadas e de aconselhamento, não os citarei para não cair no erro de esquecer algum deles. Aos professores que estiveram comigo desde o maternal até o presente momento, que se fizeram essenciais na minha formação acadêmica e em minha capacidade crítica de analisar os acontecimentos contemporâneos, de modo especial cito **Ana Carla**, mais que minha primeira orientadora, se tornou alguém muito querida em meu círculo de amizades, a minha atual orientadora **Aletheia**, que conheço desde a graduação e admiro como profissional e como pessoa. Aos coordenadores da especialização, **Belarmino Mariano (Belo) e Luciene Arruda**, meus sinceros agradecimentos, por todo tempo dedicado e empenho em nos proporcionar a melhor experiência possível durante a especialização.

Agradecer ainda a um dos grandes nomes do departamento de geografia do Campus III, que tive o desejo de conhecer desde o primeiro momento em que entrei na graduação, por sua grande fama, que se mostrou pequena diante da pessoa da qual ela se referia, o Professor **Carlos Belarmino** (*in memória*). Seus ensinamentos estarão sempre presentes com cada aluno que passou por suas mãos de oleiro, gratidão é tudo que podemos expressar a essa grande pessoa. E a todos aqueles que eventualmente possa ter me esquecido, mas que estiveram em minha trajetória acadêmica, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço ainda a banca examinadora, a Professora Ana Carla, a qual já agradecei anteriormente, e a professora Sonale Vasconcelos, por aceitem participarem da banca e pelas grandes contribuições que irão dar a essa tentativa de interpretação da realidade posta pela dialética dos circuitos da economia urbana no processo de seletividade do espaço, a elas meu muito obrigado. Ainda agradeço a todos os funcionários da UEPB, que fazem com que a instituição continue e possibilita o seu pleno funcionamento.

“A maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor.”

Zigmunt Bauman

43 – GEOGRAFIA

NASCIMENTO, Jonas Rafael Ferreira do. Circuitos da Economia Urbana e Seletividade Espacial: Uma Análise da Cidade de Guarabira/PB. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Geografia Território e Planejamento: Urbano Rural e Ambiental), UEPB, Guarabira, 2020.

RESUMO

O estudo dos diferentes circuitos da economia urbana possibilita à geografia a compreensão da forma de organização dos distintos agentes no território, e assim compreender a economia política da cidade. Nessa perspectiva se faz de fundamental importância considerar as particularidades de cada lugar no contexto global, sejam estas a cultura ou as leis de cada lugar. Tendo como ponto de partida o lugar, deve-se vê-lo como o próprio mundo, pois cada lugar é o mundo (SANTOS, 1996). A análise dos circuitos da economia urbana busca compreender a totalidade da cidade e suas relações econômicas e sociais, essas postas em circuitos espaciais produtivos nos mais diferentes ramos da economia urbana, se materializando na mancha urbana e além dela, não chegando a distinguir rural e urbano neste plano de compreensão das relações superpostas no espaço geográfico (DANTAS, 2017). A seletividade do espaço também se coloca como uma caracterização do atual período, cada vez mais as finanças e as empresas que comandam de forma hegemônica o espaço e suas articulações, condicionam a forma de ocupação e uso do território, criando assim um conjunto de forças dialéticas entre os circuitos da economia urbana e os seus atuais circuitos espaciais produtivos, aos quais estão inseridos. O centro da cidade de Guarabira/PB se torna ponto privilegiado, como ponto luminoso na cidade, atraindo os mais diversos tipos de comércio criando um cenário favorável ao consumismo e ao endividamento, consequência das novas formas de consumo na sociedade contemporânea (SCIRÉ, 2011). Sendo assim, compreender a relação entre os vasos comunicantes que são os circuitos e suas inter-relações, se faz um passo essencial para compreender a dialética do espaço e a construção das relações sociais, estas que variam de forma qualitativa e quantitativa (SILVEIRA, 2017). Para analisar a realidade posta na cidade de Guarabira/PB foi feita a análise de dados disponíveis no site da Receita Estadual da Paraíba, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a espacialização dos dados foi realizada através do Software Qgis 3.10 (A CORUÑA) utilizando a malha municipal do IBGE, além de observação de campo e pesquisas bibliográficas.

Palavras-chave: Circuitos da economia urbana. Uso do Território. Seletividade espacial.

43 – GEOGRAFIA

NASCIMENTO, Jonas Rafael Ferreira do. Circuitos da Economia Urbana e Seletividade Espacial: Uma Análise da Cidade de Guarabira/PB. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Geografia Território e Planejamento: Urbano Rural e Ambiental), UEPB, Guarabira, 2020.

ABSTRACT

The study of the different circuits of the urban economy allows geography to understand the form of organization of the different agents in the territory, and thus understand the political economy of the city. In this perspective, it is of fundamental importance to consider the particularities of each place in the global context, be it culture, or the laws of each place. Taking the place as a starting point, one must as well as the world itself, because each place is the world (SANTOS, 1996). In this perspective, the analysis of the circuits of the urban economy seeks to understand the totality of the city and its economic and social relations, these placed in productive spatial circuits in the most different branches of the urban economy, materializing in the urban spot and beyond, failing to distinguish rural and urban in this plan for understanding the overlapping relationships in the geographical space (DANTAS, 2017). The selectivity of space also arises as a characterization of the current period, more and more finance and companies that command space and its articulations in a hegemonic way, condition the form of occupation and use of the territory, thus creating a set of dialectical forces between the circuits of the urban economy and their current productive spatial circuits, to which they are inserted. The city center of Guarabira / PB becomes the privileged spot, as a bright spot in the city, attracting the most diverse types of businesses creating a favorable scenario for consumerism and indebtedness, a consequence of the new forms of consumption in contemporary society (SCIRÉ, 2011). Thus, understanding the relationship between the communicating vessels that are the circuits and their interrelations, is an essential step to understand the dialectic of space and the construction of social relations, which vary in qualitative and quantitative form (SILVEIRA, 2017). To analyze the reality set in the city of Guarabira / PB, data analysis was made available on the Paraíba State Revenue website, at the Brazilian Institute of Geography and Statistics and the spatialization of data using the Qgis 3.10 Software (A CORUÑA) using the mesh of IBGE, in addition to field observation and bibliographic research.

Keywords: Urban economy circuits. Use of the Territory. Spatial selectivity.

LISTA DE SIGLAS

EPP – Empresa de Pequeno Porte

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ME – Microempresa

MEI – Microempreendedor Individual

REGIC – Região de Influência das Cidades

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

SIMEI – Simples Nacional Para Microempreendedor Individual

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Localização da cidade de Guarabira.....	27
Mapa 02 – Região de influência de Guarabira e a área acrescentada a partir de região geográfica imediata.....	30
Mapa 03 – Localização do comércio guarabirense por bairro.....	42
Mapa 04 – Localização dos microempreendimentos por bairro na cidade de Guarabira.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – distribuição das empresas por bairros na cidade de Guarabira/PB.....	24
Gráfico 02 - Evolução do número de empresas atuantes em algumas das cidades que compõe a área de influência de Guarabira/PB entre os anos de 2012 e 2018.....	34
Gráfico 03 – Número de agências bancárias em algumas cidades da região de Guarabira/PB.....	36
Gráfico 04 – Distribuição das empresas por regime de arrecadação na cidade de Guarabira/PB.....	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Comércio de vestuário e acessórios para celular no centro de Guarabira/PB.....	37
Figura 02 – Estabelecimento de venda de Material para Construção no bairro Nordeste I.....	41
Figura 03 – Lanchonete e Pizzaria no bairro Nordeste I.....	41
Figura 04 – Entrada do Shopping Popular na cidade de guarabira.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Divisão do trabalho no circuito inferior da economia no município de Guarabira/PB – 2016.....	46
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	A TEORIA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E SUA FUNCIONALIDADE NO CONTEXTO ATUAL.....	20
3	GUARABIRA E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL.....	26
3.1	Breve contextualização da formação do território de Guarabira.....	28
3.2	O centro e sua materialidade condicional e seletiva frente aos demais bairros da cidade de Guarabira.....	41
3.3	Financeirização do território e a seletividade do espaço.....	47
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
	REFERENCIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

O processo de renovação da geografia a partir da década de 1980, levou-a a uma nova forma de ver e estudar os novos paradigmas que surgiam no processo de globalização e nova geopolítica global. A geografia então passa a ver o mundo em sua totalidade de fenômenos, de forma holística, deixando de interpretar o mundo com o objetivo de comprovar uma ideologia dominante, passando a partir daqui a uma interpretação do real, do tangível.

A forma de ver as novas realidades, principalmente dentro dos países subdesenvolvidos começa ganhar força, autores como McGeen em obra intitulada *The Urbanization Process in the Third World: Explorations in Search of a Theory*¹, Lewis na obra *Economic Development with Unlimited Supplies of Labor*² e mais tarde Lautier na obra *L'économie informelle dans le Tiers Monde*³, tais autores mostram análises das diferentes formas de manifestação da urbanização nos países subdesenvolvidos, e as particularidades na organização social e demográfica dos mesmos (MONTENEGRO, 2011).

A partir de teorias como a dos circuitos da economia urbana, concluída em 1979, e em processos de atualização até os dias atuais, o movimento da geografia Crítica vem trazendo grandes contribuições com a epistemologia geográfica a revisão de suas bases filosóficas e a sua forma de entender o espaço, objeto que por muito tempo foi deixado de lado nas análises da geografia (SANTOS, [1978]2008).

Tendo a preocupação de estudar especificamente os fenômenos das cidades dos países subdesenvolvidos e livrar-se assim do erro de comparação, Santos (2008) propõe a Teoria dos Circuitos da Economia Urbana, que leva em consideração as especificidades dos mesmos. Assim, podemos estudar os circuitos econômicos das cidades dos países subdesenvolvidos de forma mais condizente com o real, onde os fenômenos são contemplados em suas complexidades, “tanto em sua dimensão histórica como as especificidades de seu espaço” (MONTENEGRO, 2012, p. 155), sem deixar de lado as relações entre os circuitos coexistentes que possibilitam o movimento no sistema urbano (SANTOS, 2007a).

1 O Processo de Urbanização no Terceiro Mundo: Explorações em Busca de uma teoria, 1971.

2 Desenvolvimento econômico com fornecimento ilimitado de mão de obra, 1954.

3 A economia informal no Terceiro Mundo, 1994.

A teoria a qual será utilizada nesse estudo se tornou uma das mais clara leituras das cidade dos países subdesenvolvidos, através desta podemos entender a fonte geradora dos subsistemas do sistema urbano,, Santos (2008), elaborou no final da década de 1970 a teoria dos Circuitos da Economia urbana, essa consiste em uma análise profunda dos fatores históricos que possibilitaram o acontecer e a bipolarização nos mais diversos níveis da vida social das cidades, mais especificamente no mundo subdesenvolvido.

Dessa forma cada circuito consiste em um mundo de relações e de movimentos, que coincidem dialeticamente, além de se complementarem mutuamente de forma dialética e concorrente. São eles o Circuito Superior, com sua porção marginal e podendo ser entendido em suas atividades puras, impuras e mistas, caracterizado por capital intensivo, práticas modernas e complexa organização, e o Circuito Inferior que dentre as variáveis que caracteriza-o, estão atividades de capital não intensivo, comércio não moderno e comércio de pequena dimensão (SANTOS, 2008; CARNEIRO, 2015).

Considerando a dimensão histórica, na qual a teoria foi elaborada novas variáveis foram sendo acrescentadas no decorrer do tempo até os dias atuais, elementos que podem ser observados em estudos como os de Arroyo (2017), Tozi (2017), Montenegro (2017) e Silveira (2017). Nesses estudos, novos elementos, como o uso de tecnologia, um maior acesso a meios de financeirização⁴ do consumo e em grande parte uma formalização que antes era inexpressiva por parte do circuito inferior, são colocados como elementos de compressão desse circuito no presente.

Por parte do circuito superior pode ser acrescentada novas variáveis como a maior fluidez dos capitais e o uso dos agentes não hegemônicos do circuito inferior para uma maior expansão dos negócios do circuito superior. Cada circuito é caracterizado assim por seu grau de tecnologia, organização e capital, sendo esses os três principais pontos e/ou variáveis. No atual período de globalização, é comum a confusão entre os diferentes circuitos e seus agentes, tendo em vista que a

⁴ “Aalbers (2008) e Sokol (2013) propõem entender a financeirização como o deslocamento do capital dos circuitos primário, secundário e terciário para o circuito quaternário do capital, o qual não constitui um mercado de produção ou consumo, mas um mercado de especulação, ou ainda, um circuito de auto reprodução do capital. A financeirização coincide, nesta direção, com a afirmação do sistema financeiro enquanto uma esfera autônoma de acumulação e a decorrente reestruturação da economia global em benefício de agentes hegemônicos dos mercados financeiros (Lapavitsas & Powell, 2013)” (MONTENEGRO; CONTEL, 2017, p. 116-117).

liquidez das relações causada pelo capital desemboca em certo grau de distorção em suas características básicas.

Assim, Santos (2008) define os circuitos como sendo o resultado direto e indireto dos diferentes impactos de modernização nos lugares em diferentes períodos, sendo o circuito superior o resultado direto dos impactos de modernização, criados pelos avanços tecnológicos e informacionais, beneficiando uma seletiva porção da população, a qual é privilegiada em diferentes graus; e o segundo, o circuito inferior: é o resultado indireto dos impactos de modernização, que exclui grande parte da população dos países subdesenvolvidos do banquete da globalização e assim cria um circuito inferior, que é alto inflacionário. O autor ainda põe esses circuitos como uma bipolarização complementar e contraditória, e não como uma ambiguidade em suas formas de relacionarem-se e existirem.

Por outro lado, o circuito superior surge há pouco tempo como nos diz Santos (2008) ao falar que esta realidade é recente, pois só com a industrialização dos países subdesenvolvidos é que a configuração bipolar passa a se materializar no espaço. Desse modo as forças de consumo e de produção selecionam os espaços criando uma seletividade de atividades e indivíduos que podem estar presentes nesses espaços criados, dando novos usos e novas configurações ao território.

Portanto, cada espaço tem sua própria equação, com suas próprias variáveis que determinam o uso do território, como afirma Silveira: “Entretanto, as localizações não são permanentes, mas tendem a ser efêmeras, ao sabor das distintas equações entre os custos de localização e a capacidade de agregar valor aos produtos e serviços” (2010, p.6).

A presente pesquisa possui caráter qualitativo, tendo como início a pesquisa bibliográfica, essa que se faz extremamente necessária para o entendimento do fenômeno dos circuitos e a sua contextualização no atual período de globalização, bem como a atualização da teoria frente as novas variáveis que estão incorporadas em ambos os circuitos.

Em seguida foi realizado o reconhecimento da área de estudo, através de campos de observação, para identificar os usos do território, o uso do campo considerou sua importância na compreensão dos fenômenos estudados, como afirma Minayo et. Al. (2008). Para compreender o movimento dialético dos dois circuitos e sua fluidez no espaço, o método materialismo histórico e dialético foi

usado, pretendendo desta forma, compreender a dialética, entre ambos os circuitos nesse processo de seletividade do espaço.

A pesquisa visava a aplicação de questionários, entretanto inúmeras barreiras se colocaram quanto a isso, a maior delas foi o fechamento do comércio no momento de campo da pesquisa, isso acabou inviabilizando o campo e a coleta de dados primários para análise. No entanto, não houve o comprometimento da análise da seletividade na cidade de Guarabira, muito menos o entendimento do seu funcionamento.

Em um primeiro momento o campo se realizou a partir de observação empírica das formas e dos conteúdos do centro e dos bairros da cidade. Em um segundo momento a visita ao Shopping Popular da cidade e uma conversa informal com os comerciantes foi realizada.

Os dados que foram recolhidos junto a órgãos governamentais como: IBGE e Secretaria de Receita do Estado foram suficientes para a espacialização dos fenômenos e a compreensão da dinâmica das empresas, ainda que não pudesse desvendar as particularidades das mesmas. Para o trabalho com os dados tabulares dos órgãos e a sua espacialização foi utilizado o Software Qgis 3.10 (A CORUÑA), também foi utilizado como equipamento o celular na função câmera.

O trabalho encontra-se estruturado em capítulos e subcapítulos segundo a seguinte ordem: no primeiro capítulo, buscamos fazer um apanhado geral sobre os circuitos da economia urbana e assim introduzir o leitor ao tema abordado; no segundo capítulo, preocupamo-nos em analisar a funcionalidade da teoria frente as atuais variáveis que se apresentam e se incorporam aos circuitos na atual conjuntura da globalização; no terceiro capítulo é feita uma contextualização rápida sobre a cidade e a sua região de influência como afirma o REGIC (2008; 2020), buscando entender sua formação territorial, a materialidade que há no centro da cidade que o torna uma área seletiva no contexto da cidade e as forças de Financeirização incorporadas pelos circuitos, de modo especial o circuito inferior, para assim entender como isso interfere na vida desses agentes; por fim as considerações finais, resumindo as conclusões a que o trabalho levou.

2. A TEORIA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E SUA FUNCIONALIDADE NO CONTEXTO ATUAL.

A elaboração de uma teoria que se preocupasse com a forma de uso e a ocupação do território e seus elementos constitutivos, possibilitou compreender como a organização de seus elementos é seletiva e particular em países subdesenvolvidos. A formação de dois circuitos, um superior e outro inferior, é o resultado de uma economia fragmentada e complementar que existe em países periféricos, ou em vias de desenvolvimento (SANTOS, 2008).

É observado também que a forma de organização social pode influenciar os circuitos econômicos, pois esses são criados e moldados de forma a serem consumidos pelos cidadãos e por isso apresentam características únicas, considerando suas especificidades em países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Sendo assim, a forma como a cidade se organiza é para a manutenção do consumo e do lucro, porém nem toda população tem acessibilidade às atividades modernas, criando deste modo uma configuração espacial e econômica que favorece o surgimento do circuito inferior, assim como, também acarreta uma seletividade espacial não disseminando os sistemas de engenharia necessários ao desenvolvimento, proporcionando a concentração em uns e a escassez em outros (SANTOS, 2007b).

As articulações no território de âmbito econômico e político, se tornam importantes elementos para a compreensão da configuração que se apresenta em dado lugar, conseguindo articular os circuitos e fortalecer um em detrimento do outro, sempre sendo o circuito inferior o desfavorecido. Ainda que nesse primeiro momento da elaboração da teoria as articulações no território tenham sido pequenas, constituíram-se de grande importância para a compreensão da totalidade do fenômeno nos/dos países subdesenvolvidos.

De início a teoria incorporou elementos de empresas e firmas de sua época, definindo o que seria o circuito superior e o circuito inferior, sendo o capital a tecnologia e a complexidade, elementos constitutivos que definiria um e outro circuito, com o aprofundamento do processo de globalização e a competição perversa do sistema capitalista.

Existindo através das multinacionais e dos grandes conglomerados, houve um acréscimo de variáveis em ambos os circuitos da economia dos países

subdesenvolvidos, dentre elas a financeirização cada vez maior do território e a incorporação dessa no processo do circuito inferior, e o acréscimo de tecnologia no processo de comercialização do mesmo circuito (MONTENEGRO, 2011).

Antes da elaboração de uma teoria que levasse em consideração as especificidades dos países subdesenvolvidos, muitas outras teorias foram criadas e importadas dos países desenvolvidos para os subdesenvolvidos. Segundo Santos (1975), as primeiras abordagens sobre a urbanização e a economia urbana dos países subdesenvolvidos, datam da década de 1950 com os trabalhos de Redfield e Singer (1954), Sjoberg (1960) e Hoselitz (1960). Esses elaboraram conceitos que assumiram um valor de paradigma na reflexão sobre a urbanização dos países subdesenvolvidos.

Segundo Santos (1975), as teorias elaboradas neste período, apresentaram baixo poder explicativo, uma vez que adinham de comparações com países desenvolvidos, não levando em consideração as particularidades dos países subdesenvolvidos. Só em 1970, McGeen, em sua obra (*Dualism In The Asian City: The Implications of City and Regional Planning*)⁵ aprofunda as especificidades da urbanização e sua manutenção em países subdesenvolvidos. A partir das análises realizadas por McGeen, a teoria desenvolvida por Santos ([1979] 2008) ganha apoio em suas análises e em interpretação da realidade particular desses países.

Um dos problemas apresentados nos modelos interpretativos propostos pelos pensadores dos países desenvolvidos foi exatamente o dualismo entre setor formal e setor informal, esses sendo postos como dualidades da economia urbana. A dualidade se apresenta como uma forma dicotômica de entender a forma de organização da estrutura urbana. Segundo Montenegro (2011, p. 152), Lautier (1994) analisou o setor informal como um setor que “consolidou-se progressivamente, deste modo, uma vertente que considerava que o problema dos países subdesenvolvidos não era o desemprego, mas o setor informal”.

Para Montenegro (2011) e Silveira (2008) essa forma de interpretar o setor informal, se coloca como uma distorção, pois este setor é apenas uma resposta aos desiguais processos de modernização do espaço e dos agentes que habitam o espaço, não sendo a causa, mas a consequência do subdesenvolvimento.

⁵ Dualismo nas Cidades Asiáticas: As Implicações do Planejamento Urbano e Regional

Essa análise, que propõe o setor informal como o grande problema dos países subdesenvolvidos, é compreendida por Silveira (2008) como uma distorção do método, pois transfere-se a responsabilidade da estruturação da economia urbana para a classe menos abastada, desconsiderando a introdução da modernização nas cidades e a falta de recurso por parte da população dessa. Para Santos (1979), o circuito inferior da economia urbana não pode ser considerado no todo como um setor informal, mas deve ser considerado como um circuito maleável, onde podem ser encontradas atividades ditas formais e ditas informais (SILVEIRA, 2010; MONTENEGRO, 2011).

O estudo dos circuitos da economia urbana, possibilita o entendimento do movimento do sistema econômico e da seletividade espacial, considerando a forma como os elementos socioespaciais se organizam e se materializam no espaço. Nessa perspectiva, analisar a forma como os agentes se dispersam sobre a malha territorial, em função de variáveis socioeconômicas, considerando a funcionalidade dos circuitos da economia urbana, é um passo fundamental.

Esse, que dá respaldo para o entendimento de tal fenômeno, sabendo que “as relações entre o volume e a complexidade do circuito inferior e o tamanho da população diminui do centro para a periferia, da metrópole para a cidade” (SANTOS, 2007, p.131-132), consideramos assim que a presença do circuito da economia urbana que se dispersa na cidade está intrinsecamente ligado a sua localidade, e que a forma de existir do circuito inferior é mais complexa ou não de acordo com a porção do espaço urbano que o mesmo ocupa, se na porção central tem maior complexidade de relações, caso em bairros mais afastados existe de forma menos complexa.

A dualidade assim, apresenta-se como um empecilho para a compreensão da economia dos países Terceiro Mundistas, tendo em vista que essa visão compreende os circuitos como sistemas fechados os quais se contrapõem (SANTOS, 1979; SILVEIRA, 2009; MONTENEGRO, 2011; 2006).

Porém a nossa compreensão acerca do sistema econômico apresentado nos países subdesenvolvidos, constitui-se em circuitos que se caracterizam pela complementaridade e pela concorrência entre eles (SANTOS, 1979; SILVEIRA, 2013). Os circuitos da economia urbana podem ser classificados de acordo com o grau de tecnologia, capital e organização que utilizam, sendo:

O circuito superior – composto pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores- é o resultado direto das modernizações que atingem o território. [...] O circuito inferior, por sua vez, compreende o resultado indireto da modernização e constitui-se de formas de fabricação não-capital intensivo, serviços não modernos fornecidos a varejo, comércio não moderno e de pequena dimensão, voltados sobretudo ao consumo da população de baixa renda (MONTENEGRO, 2011, p. 1).

Entendendo, pois, os circuitos como vasos comunicantes (SILVEIRA, 2013) que estão intimamente ligados pela interdependência no funcionamento de ambos, essa interdependência gera a complexidade das relações que se apresenta nas cidades, considerando essa, não como blocos maciços, mas como um sistema do sistema global, onde a flecha do tempo e dos eventos se curva e se molda ao chegar e se instalar na mesma (SANTOS, 2014). As novas formas de vida e consumo possibilitam que o espaço ganhe novas configurações territoriais.

A partir de uma nova lógica do capital e das grandes empresas, o espaço se torna cada vez mais seletivo, seja em sua divisão territorial ou social do trabalho, sendo esta última a forma de organização da sociedade frente ao capitalismo, que transforma os homens em mercadoria. Ao analisarmos as diferentes formas de uso do território na cidade de Guarabira pode ser visto uma forma diferente de agentes localizados na cidade.

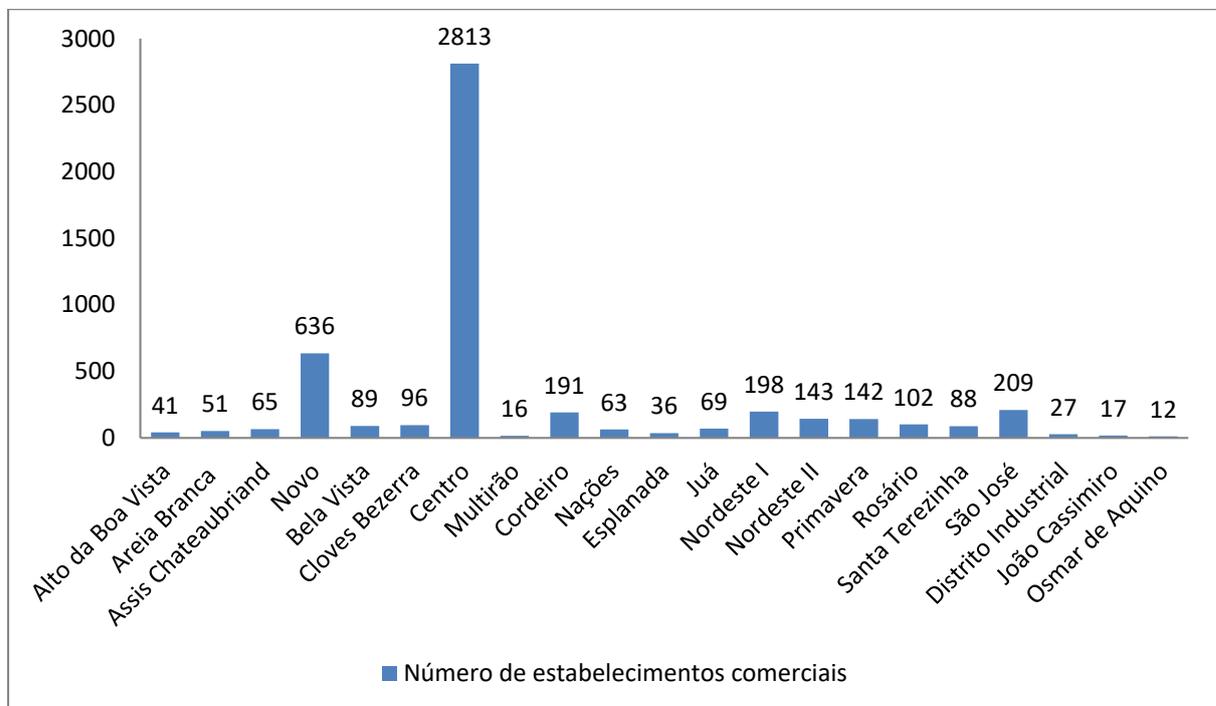
As principais vias se fazem como pontos privilegiados que abrigam as empresas do circuito superior e sua porção marginal, enquanto que os agentes do circuito inferior se colocam em vias transversais ou em estabelecimentos escondidos, quando não há a ocupação das ruas e praças por partes desses agentes, se configurando uma divisão territorial do trabalho.

Correlacionado a esse fenômeno pode ser visto a divisão social do trabalho, ao observamos que a maior parte dos serviços mais rústicos, que se utiliza, em sua maioria, de técnicas não modernas se concentram no circuito inferior da economia urbana, a venda de pipoca, o engraxamento de sapatos, o concerto de relógios, de celulares dentre outras formas de manifestação deste circuito, este último que acaba surgindo como uma consequência da forma que as finanças atingem o circuito inferior, dando novas condições de consumo e criando novas capilaridades, mesmo que de forma diferente qualitativa e quantitativamente o circuito inferior hoje tem acesso a formas mais modernas de existir.

“Desta maneira, a produção determina a troca que, por sua vez, é determinada pelo mercado; este último é o princípio de determinação da divisão do trabalho, que dá a base a produção” (GOMES, 1996), sendo assim uma produção determinada vai determinar um consumo, este passa a ser determinado pela informação, desta forma, determina uma distribuição e complexifica as relações existentes entre os diferentes momentos que possuem entre si, criando novos sistemas de engenharia.

Ao analisar a distribuição das empresas na cidade de Guarabira, pode ser visto a discrepância que há entre as áreas da cidade e os bairros que se fazem mais presentes na vida de consumo dos indivíduos, seja por sua localização central e acesso fácil, seja por sua importância histórica. Desta forma, não se tem aqui a pretensão de desconsiderar as rugosidades (SANTOS, 2008) que se fazem presentes na construção do espaço material da cidade, mas deixar claro que o espaço deve ser entendido como um fato social (SANTOS, 1996), e como tal, influência ao passo que é influenciado pelos mais diferentes agentes, que o constroem e têm suas ações condicionadas por ele.

Gráfico 01 – Distribuição das empresas por bairros na cidade de Guarabira/PB



Fonte: Secretaria de Estado da Receita, 2019.

Para Santos (2008), as novas formas que se fazem presentes nas cidades criam muros para parte da população, estes podem ser representados pelas normas

que impedem a ocupação de certas áreas da cidade pelos agentes do circuito inferior sendo sujeito a multas ou outros tipos de penalidade como ocorre em Guarabira, ou até mesmo a dificuldade de competir com as formas modernas de consumo na cidade.

A população distante dessas formas modernas, ou com pouco acesso a elas, acabam recorrendo ao circuito inferior, porém as novas formas de manifestação do capital, estão cada vez dificultando o setor mais tradicional, onde se localiza a maior parte da mão de obra, e onde a maior parte das pessoas obtêm sua renda.

A distribuição nos demais bairros da cidade de Guarabira, quando se pensa em empresas classificadas como Microempreendedor Individual (MEI) é praticamente incipiente, isso se dá por a população ligada ao comércio que, se formalizando, faria parte dessa classificação não está formalizado, significando dizer que os comércios encontrados nos bairros distantes do centro, que são considerados periféricos, tem a presença de um circuito inferior informal.

Nos bairros afastados do centro o meio construído se apresenta como um canal para o desenvolvimento do setor dito informal, que é acompanhado da grande população com menor poder de consumo, assim pode ser afirmado que “as infraestruturas criam restrições à organização espacial, localização seletiva do capital, de instituições e de pessoas; quanto mais pobre o país, mais agudo isso se torna” (SANTOS, 2011, p. 201).

Ao passo que as construções mais simples e mais baratas que podem ser destinadas ao comércio se localizam afastadas do centro da cidade, cria-se uma seleção de espaços privilegiados, com áreas caracterizadas pelo acúmulo de capital, como é o caso do centro e lugares esquecidos, opacos, como é o caso dos bairros mais pobres, como os bairros Nordeste I, Nordeste II e Rosário na Cidade, que se localizam nos arredores do bairro Centro.

Deste modo podemos concluir que o circuito inferior residual habita nessas porções da cidade com menor concentração de sistemas de engenharia, como saneamento, ruas em boa qualidade e, em alguns casos, com uma boa iluminação a noite, levantando assim outra discussão: qual o papel do poder público neste processo de seletividade e modernização do espaço?

3. GUARABIRA E SUA CONTEXTUALIZAÇÃO REGIONAL

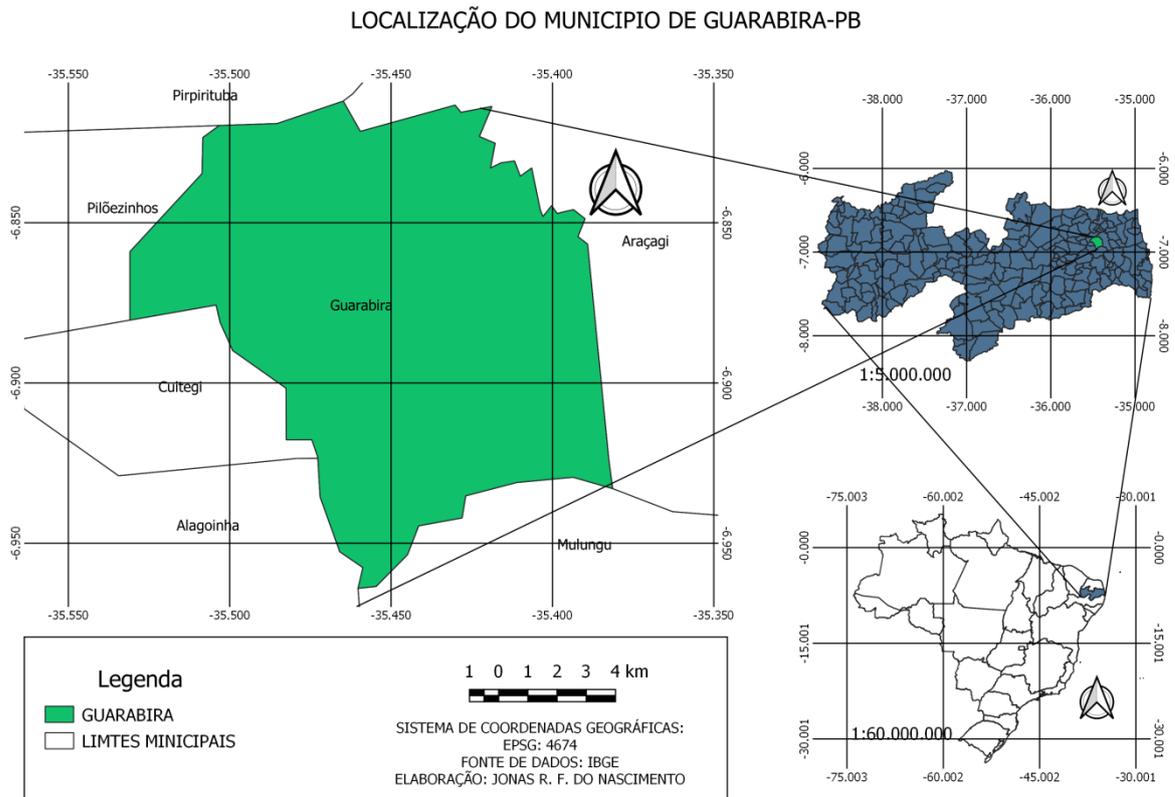
Numa perspectiva dialética do espaço, pensando-o como instância social, ou seja, como uma variável para entender a formação e a reconstrução de determinadas situações geográficas (SILVEIRA, 1999), podemos entender que a forma administrativa do território do município de Guarabira-PB consiste numa variável que possibilita analisar a constituição da importância e da influência desta cidade ao atrair o comércio e a indústria da região. Podemos atribuir isso a fatores de constitutivos do território, como a localização que faz com que a chegada em várias cidades tenha obrigatoriamente a passagem por Guarabira, e fatores da constituição do território da cidade que acaba por influenciar a atual configuração territorial da cidade.

Dentre as várias formas de divisão regional administrativa, em 2017, o IBGE cria as Regiões Imediatas e as Regiões Intermediárias, essas levam em conta as novas articulações no território brasileiro. As Regiões Geográficas Intermediárias têm o papel de organização das Regiões Imediatas, através de um polo de hierarquia superior; enquanto que as regiões Imediatas têm o papel de ligar as cidades de forma direta a federação e a empresas do setor privado, sejam elas nacionais ou internacionais (IBGE, 2017). Segundo o instituto:

As Regiões Geográficas Imediatas têm na rede urbana o seu principal elemento de referência. Essas regiões são estruturadas a partir de centros urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações, tais como: compras de bens de consumo duráveis e não duráveis; busca de trabalho; procura por serviços de saúde e educação; e prestação de serviços públicos, como postos de atendimento do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, do Ministério do Trabalho e de serviços judiciários, entre outros (IBGE, 2017, p. 20).

As características de uma cidade considerado centro urbano, consegue ser observado em Guarabira, fazendo com que a mesma consiga, através das empresas e das instituições públicas, criar maior dinamicidade no seu interior e atrair novas forças de modificações do espaço, como empresas de grande capital, Magazine Luiza, que são atraídas pelo fluxo do território, e instituição financeira como a Crefisa, essas também atraídas pelo fluxo de capital e mercadorias que necessitam deste capital. No mapa a seguir é possível observar a localização geográfica do município de Guarabira.

Mapa 01 – localização da cidade de Guarabira/PB



Fonte: IBGE, 2020.

Dentro desta visão regional Gomes (1996, p.286) faz uma crítica ao pensamento Vidaliano quanto ao conceito de região, afirmando que este conceito “limita-se a extensão da reflexão a uma única escala, apagando o papel do capitalismo como a força fundamental de organização do espaço”, para entender a formação do espaço urbano de Guarabira e seu entorno, é necessário entender que a visão regional está intimamente ligada a força do capital em construir e desconstruir as configurações territoriais e os arranjos espaciais existentes ou pré-existent.

Mas por qual motivo falar de região? Onde isso entra dentro do espaço urbano de Guarabira? Ao passo que compreendemos a formação da área urbana do município de Guarabira, conseguimos entender que a situação geográfica posta, só se deu graças a feixes de eventos existentes dentro de sua região geográfica e administrativa, como a instalação da linha ferroviária, a passagem do litoral para o sertão, depois, graças ao fluxo de pessoas, a chegada de instituições financeiras, dentre outros elementos que constitui esse feixe de ventos. Segundo Nascimento (2017):

Pode ser dito que a atual configuração de Guarabira é proveniente de um feixe de eventos que contribuíram para seu fortalecimento e expansão comercial, que inicialmente provém de atividades ligadas ao setor agrícola como algodão, sisal, pecuária e indústria açucareira e que com a instalação da linha férrea se reestrutura e que cria uma contiguidade de eventos que se territorializam e possibilitam que seja considerada uma das mais importantes cidades na estrutura da rede urbana do Estado da Paraíba (NASCIMENTO, 2017, p. 62).

Podemos compreender que a configuração territorial de Guarabira e sua influência dentro da região Geográfica Imediata (IBGE, 2017), ou diante do que o IBGE chama de Área de Influência das Cidades (REGIC, 2008; 2020), é uma construção história, a partir de importantes sucessões de acontecimentos, eventos geográficos, que moldaram o espaço deixando rugosidades no mesmo, essas que tiveram seus conteúdos modificados ao longo dos anos e das gerações que usufruíram de forma quantitativa e qualitativa diferentes do mesmo território.

3.1 Breve contextualização da formação do território de Guarabira.

Segundo Nascimento (2017), pode ser dividido em quatro períodos a constituição do território em análise: o primeiro se refere a constituição da Vila Independência indo do final do século XVI até o início do século XIX, sendo o resultado da ocupação da Serra de Capaoba, onde se localiza atualmente a cidade de Serra da Raiz; em um segundo momento se considera a intensificação da aglomeração urbana a partir da agricultura e da manufatura, neste período se destaca a chegada da linha ferroviário na cidade.

A instalação da linha férrea se torna um evento importante, pois contribui para o surgimento e a concentração de serviços, fortalecendo o desenvolvimento econômico e possibilitando a circulação de pessoas e mercadorias na Vila Independência (NASCIMENTO, 2017, p.24).

Esse feixe de eventos cria uma situação geográfica específica que condiciona a forma de vida e as formações sociais, as vilas e os aglomerados que surgem no entorno da Vila Independência. Desse modo, deve ser considerado que a Vila Independência se apresenta como uma área de sucção, em relação às demais áreas a sua volta, atraindo para si a maior parte de investimentos privados e de serviços públicos.

Chegando ao terceiro período os sistemas de engenharia considerados são a prestação de serviços públicos e administrativos na cidade. Segundo Araújo (1998),

Guarabira surge como um município “antigo, rico e famoso” (p.192) devido sua situação física na região e sobretudo pelo polo econômico que se tornou, a cidade cria entorno de si uma área de influência de grande importância para o seu desenvolvimento.

No quarto e último período, o autor relata a consolidação dos circuitos da economia urbana na cidade, sendo esse momento uma modernização das técnicas e a formação de uma dialética que se complexifica com o passar do tempo, formando um circuito que só pode ser compreendido em sua complementaridade, onde um está intrinsecamente ligado ao outro.

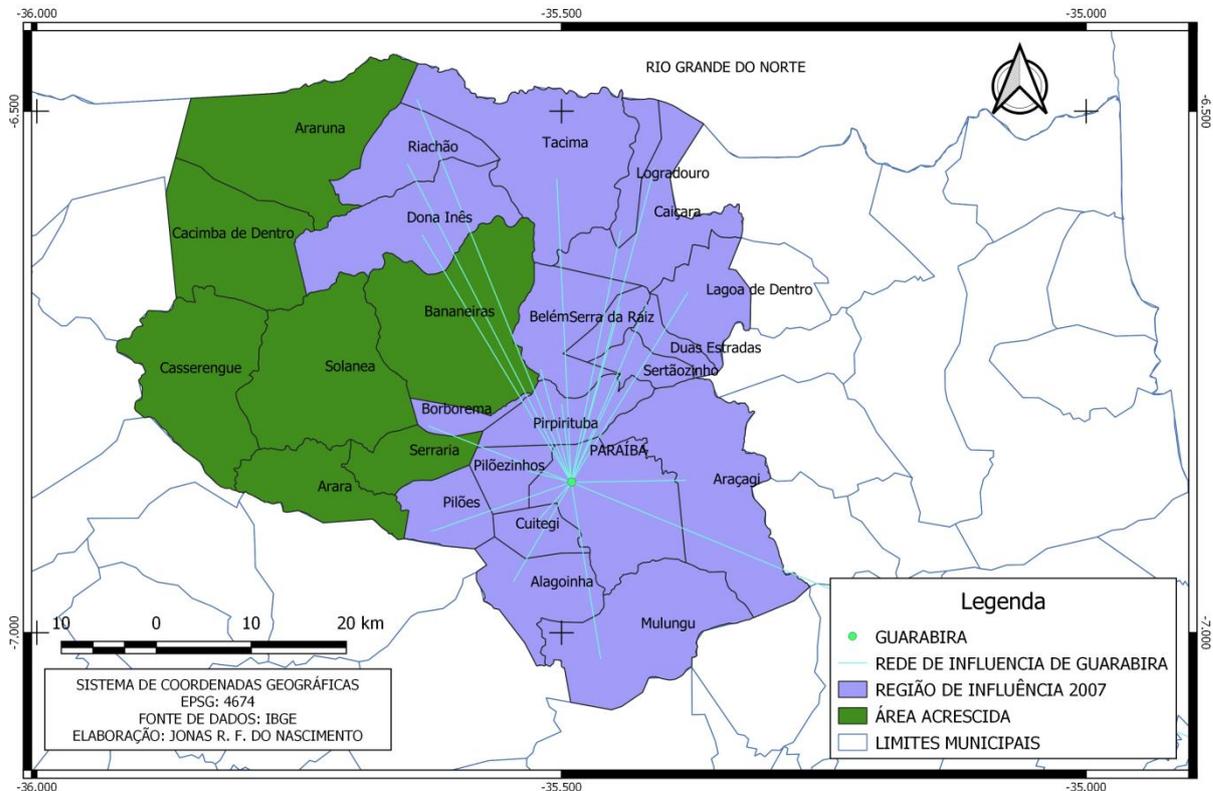
Nesse momento no qual o território passa a ser usado a partir de técnicas modernas de exploração e consumo, a cidade ganha ainda um maior destaque, onde se pode perceber a formação de uma área de influência cada vez maior e mais complexa. Em que as mesmas cidades que dependem de Guarabira se tornam parte da sua força de influência, proporcionando a esse centro urbano uma atração cada vez mais forte e competitiva dentro da divisão local, regional e internacional do trabalho.

A transformação do conteúdo e das formas, pela qual o espaço passa ao longo do tempo, possibilita a leitura de sua totalidade de forma cada vez mais complexa, entendemos aqui o espaço como um conjunto indissociável de objetos e ações, estas que dão vida aos objetos e são condicionadas pelos mesmos, sendo a materialidade uma condição a ação, mas essa ação se torna também uma variável para a formação de novos objetos (SANTOS, 1996).

A partir da modernização dos sistemas de engenharia existentes nos lugares, há uma força de centralização que impulsiona a concentração comercial e industrial em recortes específicos do/no espaço. Com a Região de Influência das Cidades (REGIC), a cidade de Guarabira tem área de atração que envolve várias cidades e são levadas em consideração suas relações e suas interações entre elas e a cidade de Guarabira, que exerce influência. A área acrescida a região de Guarabira vem de um outro estudo que divide as regiões em Intermediárias e Imediatas, tornando Guarabira uma região imediata no contexto nacional (IBGE, 2017).

Mapa 02 – Região de influência de Guarabira e a área acrescentada a partir da região geográfica imediata.

ÁREA ACRESCIDA À REGIÃO DE INFLUÊNCIA DE GUARABIRA (2007) PELA NOVA DIVISÃO REGIONAL DE 2017



Fonte: Adaptado de REGIC, 2008; IBGE, 2017

Como pode ser observado no mapa acima, a região de influência da cidade teve um acréscimo considerável, que toma por base sua função e sua gestão no território em relação as demais cidades e a presença de sistemas de engenharia que engendram na cidade uma tecnosfera⁶ mais avançada que nas demais.

Na classificação, privilegiou-se a função de gestão do território, avaliando níveis de centralidade do Poder Executivo e do Judiciário no nível federal, e de centralidade empresarial, bem como a presença de diferentes equipamentos e serviços (REGIC, 2008, p.11).

Dessa forma Guarabira aparece como uma área de localização seletiva dos fenômenos, isso se dá pelas diferentes situações geográficas (SILVEIRA, 1999), essas que se sucederam no território, possibilitando diferentes usos em diferentes momentos, como já descrito anteriormente, a continua sucessão de eventos

⁶ Para Santos (1996), a tecnosfera seria composta pelos fixos geográficos que são precedidos por diferentes técnicas ao longo dos anos e que forma um conjunto de fixos geográficos que, quando instalados, ganham particularidades próprias de cada lugar, está composta por infraestruturas técnicas mais ou menos robusta, de acordo com a realidade socioespacial de cada lugar.

geográficos no espaço que hoje é Guarabira: o sisal, o algodão, a cana de açúcar, os armazéns, a linha férrea se tornam grandes pontos para entender o seu papel na rede urbana a qual a mesma faz parte, portanto devemos entender “os eventos como o infinito conjunto de possibilidades que caminha para o particular, ou pensando geograficamente, para o lugar” (NASCIMENTO, 2017, p. 20)

Com variáveis determinantes, Guarabira se torna um ponto luminoso dentro da região que a mesma tem o papel de gerir. Com a nova divisão geográfica realizada pelo IBGE (2017) em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias, a cidade ganha uma nova posição dentro da divisão do trabalho em sua área de influência, tornando-se Região Geográfica Imediata para uma quantidade maior de núcleos urbanos e expandindo sua área de atração.

As Regiões Geográficas Imediatas têm na rede urbana o seu principal elemento de referência. Essas regiões são estruturas a partir de centros urbanos próximos para a satisfação das necessidades imediatas das populações, tais como: compras de bens de consumo duráveis e não duráveis; busca de trabalho; procura por serviços de saúde e educação; e prestação de serviços públicos, como postos de atendimento do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, do Ministério do Trabalho e de serviços judiciários, entre outros (IBGE, 2017, p.20).

A prestação de inúmeros serviços públicos e privados que a cidade de Guarabira apresenta, cria para si uma força de atração dentro da região, essa força possibilita que a sua importância dentro de uma escala de maior abrangência seja reconhecida e atraí, portanto, empresas de inúmeros segmentos.

A forma de organização dentro da cidade por parte destas empresas e de ramificações se dão de forma pensada e planejada, para que haja um maior poder atração dos recursos, sejam eles humanos e/ou de poder, mas acima de tudo econômico, transformando cada vez mais o consumo em algo líquido.

A liquefação que há na forma de controle e de organização do espaço, possibilita pensar cada vez mais o espaço banal, o espaço de todos e de todas, um espaço onde habita todas as classes e onde todos consomem, mesmo que em níveis diferentes, qualitativa e quantitativamente, através da troca por parte de ambos os circuitos que coexistem e se complementa.

Ora um grupo consome num circuito específico, ora consome em outro, essa ação é realizada pela porção privilegiada da população graças às novas formas de

consumo constituída pela creditização⁷ do território e da sociedade através dos meios materiais e imateriais do crédito facilitado (CONTEL, 2009; SILVA, 2015). Dessa forma, a nova topologia bancária, através dos novos fixos geográficos que facilitam o acesso ao crédito e ao consumo, torna o território um meio para os fluxos imateriais dos novos meios do atual período.

A ação de consumo em ambos os circuitos pode ser realizada também pelos agentes do circuito inferior, acirrando a concorrência entre ambos os circuitos, que impõem suas necessidades ao espaço e ao Estado, criando novos sistemas de engenharia e com isso novos fluxos, sejam eles materiais e/ou imateriais.

É impensável o espaço como algo imutável, estático, não dinâmico, por esse motivo pensar a materialidade como condição a ação não significa pensar que a materialidade é imutável, mas é pensar que as ações sofrem influências da materialidade e que essa foi construída e é transformada em decorrência de necessidades de novas ações e novas formas de uso do território, de modo especial pelas grandes corporações (SILVEIRA, 2009).

Através da análise dos dados dos municípios que compõem a área de influência de Guarabira/PB (Gráfico 01), pode ser percebido um crescimento considerável no comércio da mesma, em virtude do aumento de atividades vinculadas ao circuito inferior, que tem por objetivo atender a uma porção da população excluída do consumo de artigos modernos. Tendo como elemento importante nessa análise o tamanho da cidade, considerando que a influência dos circuitos se dá em contrapartida ao tamanho da mesma.

Ao passo que a cidade aumenta, podemos perceber que a área de abrangência e/ou influência do circuito inferior diminui, diferente daquilo que pode ser visto na cidade menor, que tem o circuito inferior com uma área de abrangência maior que a mancha urbana. Guarabira/PB contribui diretamente para que o circuito inferior se especialize em bairros mais afastados do centro, e nesse exista com maior complexidade de relações com o seu par, o circuito superior criando uma maior área de influência do circuito inferior dentro da cidade.

⁷ Deve-se entender por creditização, a necessidade por “capitais adiantados”, e para isso uma nova configuração territorial se faz, esta que modifica o uso do território a partir de novos sistemas de engenharia que são instalados no mesmo, e fazem com que os agentes financeiros (circuito superior) estejam mais próximos dos potenciais consumidores (circuito inferior), para tal ação a topologia bancária é alterada, a partir de novas variáveis e avanços técnicos-científicos (SANTOS; SILVEIRA, 2001; CONTEL, 2006).

Essa área de influência do circuito inferior pode ser observada quando comparados os números de empresas nas cidades que recebem sua influência. A falta de estabelecimentos nestas cidades faz com que Guarabira/PB se torne um ponto de atração dentro da região. De acordo com Santos (2008), a maneira como o comércio varejista se instala e se organiza na cidade é um reflexo da população que se faz presente na mesma, tendo em vista que esse tipo de comércio, em sua maioria, se faz presente para suprir necessidades de uma população que não tem acesso a serviços e artigos modernos.

Segundo o IBGE na cidade de Guarabira/PB pode ser observado uma baixa no número de empresas nela e em sua área de influência como observado (Gráfico 01). A baixa já no primeiro ano não tem grande expressão representando apenas uma queda de 0,1% no número de empresas na cidade de Guarabira. O que se sucede nos anos seguintes é mais expressivo com uma queda de 7,6% no número de empresas do ano de 2012 a 2018.

Diversos fatores podem levar a esse tipo de consequência na região, dentre elas a crise econômica e política que o país vivencia nos períodos de baixa no número total de empresas. Isso leva a um crescimento no número de pessoa que passam a fazer parte de um setor dito informal, robustecendo ainda mais o circuito inferior, tanto com trabalhadores, como com mercado consumidor, tendo em vista que o mesmo, é auto inflacionário quando se pensa em sua capacidade de incorporar mais mão-de-obra (MONTENEGRO, 2006; SILVEIRA, 2011; SANTOS, 2008).

Gráfico 02: Evolução do número de empresas atuantes em algumas das cidades que compõem a área de influência de Guarabira/PB entre os anos de 2012 e 2018.



Fonte: Adaptado de IBGE, 2020.

A partir da análise da diferença no número de empresas (Gráfico 01) é possível compreender a dimensão do quanto a presença de atividades comerciais em Guarabira/PB é importante para as demais cidades, processo que pode ser entendido como financiamento das cidades centrais pelas cidades dependentes (SANTOS, 2008), possibilitando não só uma maior arrecadação para Guarabira, mas também, uma forma de atrair mais empresas para a mesma. Outro aspecto é que a força de trabalho existente nessas atividades localizadas na cidade principal não advém só da mesma, mas também das demais cidades.

A forma de organização dos circuitos da economia urbana em Guarabira faz com que a cidade se destaque, assim, essa organização fará com que a centralidade desta cidade seja expressiva ou não, vale ainda ressaltar que a forma que os circuitos se organizam não depende só de fatores internos a cidade, mas também de fatores externos a mesma. Portanto, a leitura da forma comportamental dos circuitos faz com que o sistema urbano seja compreendido em sua totalidade, esse que se apresenta de forma unificada e fragmentada pode ser entendido a partir dos subsistemas do sistema urbano (SANTOS, 2008; SILVEIRA 2010).

Todas as cidades possuem duas áreas de mercado que correspondem aos circuitos da economia urbana e cada qual terá seus limites, seja os que ultrapassam os limites da aglomeração (circuitos superior) ou os que se limitam a

aglomeração urbana (circuito inferior), porém quando tratamos de cidades propriamente ditas ou centros regionais o circuito inferior tem uma influência que ultrapassa o limite urbano (SANTOS, 2007), indicando assim a existência de um número de atores não hegemônicos expressivos, como camelôs, vendedores ambulantes, chaveiros, pequenas lojas de roupa e calçado, flanelinhas, vendedores de CDs piratas, esses que podem ser encontrados em Guarabira/PB vindo de outras cidades circunvizinhas.

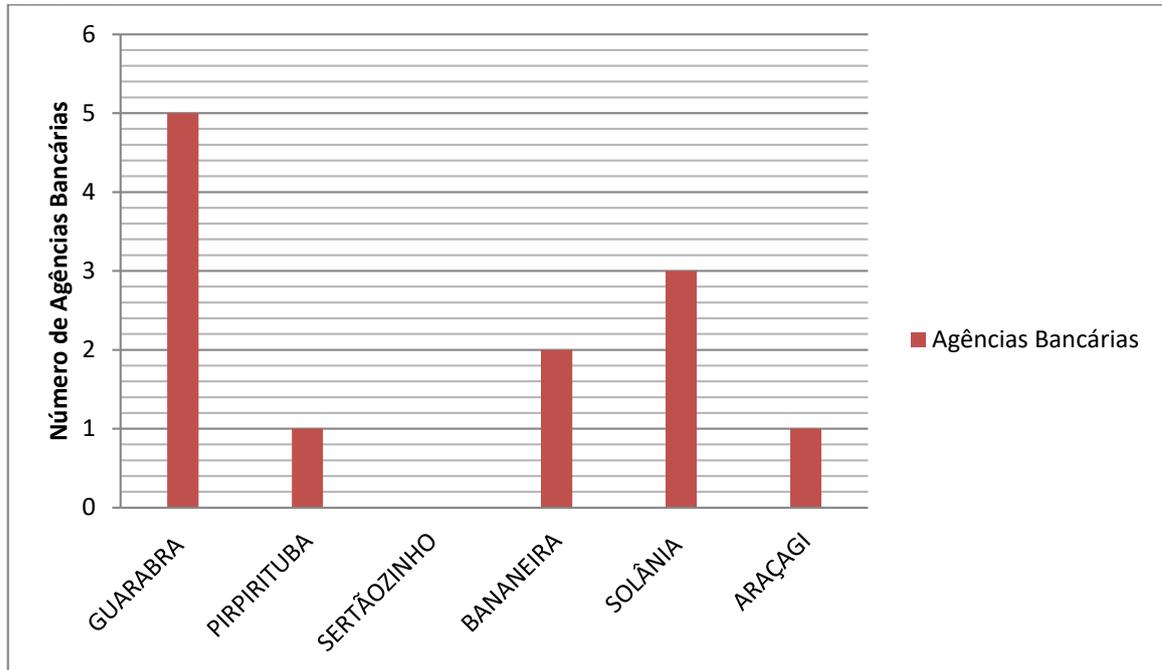
A materialidade é condição a ação, portanto as condições existentes na configuração territorial de Guarabira/PB permitem atualmente sua expansão comercial, pois oferece as empresas uma região consumidora, ao contrário das cidades que são polarizadas. A cidade que polariza não possui apenas a sua população para consumir no comércio que ali se localiza, mas também, oferece a população de sua região, causando não só uma seletividade no espaço regional da cidade, mas criando dentro da própria cidade essa seletividade.

Os bancos são alguns dos principais atores hegemônicos dentro do sistema urbano, já que eles financiam a maior parte das obras de infraestrutura, e nesse sentido Santos (2008, p.106-107) afirma que “de modo geral os bancos preferem financiar as atividades comerciais que lhe proporcionam, num prazo mais curto, uma rotatividade (*turnover*⁸) do capital mais rápida e, por conseguinte, lucros maiores e riscos menores”.

Assim pode ser observado que a presença de agências bancárias em um local se dá pela necessidade de financiamento por agentes burocráticos. A diversidade e o número de bancos na cidade de Guarabira/PB (Gráfico 03) demonstra que o comércio está em evolução, garantindo mercado para o consumo do crédito burocrático dos bancos, além de mostrar a necessidade de formas de fluidez do capital provenientes do consumo, esse que se faz em sua maior parte em pequenas lojinhas, essas que se beneficiam de tecnologias de crédito bancário desburocratizado através dos terminais eletrônicos, conhecidos, popularmente, como “maquininhas” (MONTENEGRO, 2013).

⁸ Turnover: palavra de origem inglesa que significa volume de negócios ou alta rotatividade de funcionários em uma empresa, criada por baixos salários, más condições de trabalho, etc.

Gráfico 03: Número de agências bancárias em algumas cidades da região de Guarabira/PB.



Fonte: Adaptado de IBGE (2018)⁹.

Podemos perceber que algumas cidades não têm agências bancárias para suprir a necessidade da população e do comércio, e assim instalam-se os correspondentes bancários¹⁰, porém a forma de comportamento dos bancos indica uma configuração territorial que os favorece na cidade de Guarabira, e uma repulsa em detrimento das demais cidades, por essas não apresentarem uma atrativa dinâmica comercial e financeira. Deste modo, os bancos se localizam onde existe a necessidade de uma maior e melhor circulação do capital.

A cidade de Guarabira apresenta uma região e uma população própria, carente e que não pode dispor de serviços e artigos modernos sem o intermédio dos agentes não-hegemônicos do circuito inferior, fator importante para a expansão desse circuito que movimenta o comércio Guarabirense (Figura 02).

⁹ Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/guarabira/pesquisa/29/21910?tipo=cartograma>>

¹⁰ Correspondente bancário é uma empresa contratada por instituições financeiras e demais instituições autorizadas pelo Banco Central (Bacen), para a prestação de serviços de atendimento aos clientes e usuários dessas instituições.

Figura 01: Comércio de vestuário no centro de Guarabira/PB.



Fonte: Arquivo do autor, 2019.

Mesmo com os avanços no uso de tecnologias pelo circuito inferior, proporcionado pelo período de globalização, esse continua com suas características básicas, o baixo grau de utilização de tecnologia, capital e um baixíssimo grau organizacional. A presença de uma crescente incorporação de terminais eletrônicos de cartão de crédito no circuito inferior em Guarabira e em muitas outras cidades é visível, porém as antigas práticas continuam nesse circuito, como por exemplo, o fiado e o crédito pessoal, permitindo que as camadas menos favorecidas da população, aquelas que não tem acesso a cartão de crédito, possa também entrar no circuito econômico.

A presença do circuito superior marginal é “[...] o resultado da sobrevivência de formas menos modernas de organização ou a resposta a uma

demanda incapaz de suscitar atividades totalmente modernas” e ainda tendo “[...] caráter residual e um caráter emergente” (SANTOS, 2008, p 103), tendo o comércio em sua maioria varejista, pouco desenvolvido tecnicamente, e algumas empresas que devido ao seu grau de desenvolvimento não suportariam uma competição com uma empresa mais moderna, por esses motivos assim são classificadas. Em Guarabira podemos ver comércios ligados a construção, como a Madeguara e ligados a mecânica, as pequenas oficinas de motos e carros

Os comerciantes do circuito inferior utilizam carros de som e muitas vezes do anúncio boca a boca, como também, a técnica de chamar na porta loja os possíveis consumidores que passam na rua, visando atrair os consumidores para o seu negócio. Dessa forma, é observado um acréscimo de variáveis, que modernizam práticas do circuito inferior, como a forma de comprar e vender, mas nunca o deixando igual ao circuito superior, esses elementos dentro do circuito inferior que antes não poderia ser encontrada, se colocam como inserção de algumas tecnologias associadas a práticas tradicionais assim, para a análise desse circuito é necessário considerar os esforços do mesmo para criar uma espécie de competitividade com o circuito superior.

Para que o circuito inferior se mantenha competitivo em relação a um setor mais atraente, como o setor moderno, a forma de pagamento e de chamariz que o circuito inferior tem é associando o contato com o cliente, a panfletagem e o boca a boca, com o uso de carros de som ou de vendedores de CDs, que andam pelas ruas da cidade anunciando promoções. Na cidade de Guarabira não é difícil de encontrar uma gama desses meios de comunicação, que se encontram nas ruas, o caso dos carros de som, e que esbarram nas pessoas, o caso da panfletagem.

Outro instrumento que pode ser observado no circuito inferior de Guarabira/PB no período atual são os terminais eletrônicos de cartão de crédito e débito, através da difusão ao acesso de um crédito desburocratizado pelos bancos através do cartão de crédito e débito.

O circuito inferior se encontra obrigado a apresentar meios de atrair os consumidores, e isso pode ser observado dentro do comércio varejista de serviços e outros, com o acréscimo destes terminais eletrônicos aos seus comércios, as conhecidas maquininhas (MONTENEGRO, 2013). Mesmo com o acréscimo de tecnologias é possível afirmar que:

A incorporação das técnicas modernas entre as atividades da economia popular permite definir o circuito inferior como atividades pouco capitalizadas que apresentam um menor grau de tecnologia, mas não sua ausência completa. Por outro lado, um dos principais critérios que diferencia os circuitos hoje é justamente o grau de organização embutido nas técnicas materiais e imateriais, e não mais o acesso à tecnologia em si. (MONTENEGRO, 2013, p. 37)

Assim o uso de tecnologias não mais define os circuitos, mas as formas e conteúdos contidos nessas tecnologias materiais e imateriais vão ditar a qual dos circuitos a empresa ou o comércio pertence. Nesse contexto percebemos que no comércio de Guarabira, o uso de tecnologias facilita o consumo, mas também cria um grau de endividamento dos seus usuários, levando não só a uma difusão do sistema bancário para os consumidores, como também criando novas capilaridades para que os atores hegemônicos possam tirar recursos do circuito inferior para o superior (MONTENEGRO, 2013). Esse processo está em desenvolvimento e ocorre através do cultivo de uma sociedade do consumo alimentada pela creditização que potencializa esse novo cenário no atual período de globalização.

Santos (2008) afirma que esse tipo de comércio, do circuito inferior, seria uma forma de manter nas pequenas cidades os agentes sociais que não podem consumir artigos modernos, e também os que não podem vender sua força de trabalho para os atores hegemônicos do circuito superior que têm sua economia ligada a cidade principal. Porém, estes agentes não pertencem, exclusivamente, a essas pequenas cidades, mas também está presente nas grandes cidades e metrópoles, já que este setor da economia urbana está ligado aos cidadãos menos abastados, os atores não hegemônicos que se fazem presentes em todas as cidades dos países subdesenvolvidos do mundo.

Outro fator que pode ser percebido na região de Guarabira, como demonstrado no gráfico 01, é o fato de como as empresas se comportam dentro de uma região, buscando sempre as cidades mais dinâmicas ou o centro regional onde as decisões são tomadas e o mercado consumidor é mais abrangente. As empresas não se sentem atraídas por essas cidades menores, por não haver um mercado consumidor na região que supra a existência de mais que uma empresa, e quando se observa um mercado maior ao que a empresa já abarca, ela prefere se alocar na cidade central, pois apresenta uma infraestrutura mais favorável a seu desenvolvimento. Desta forma, Santos (2008) afirma que:

A grande cidade parece então fazer um vácuo a seu redor, monopolizando as atividades, diminuindo ou anulando as possibilidades de as outras cidades do sistema realizarem essas atividades ao menos no mesmo nível quantitativo e qualitativo (SANTOS, 2008, p.312).

A forma como a grande cidade se comporta cria uma área que impede as demais cidades de se desenvolver, e desta forma, a colonização que está relacionada a forma administrativa do território, que se coloca dentro de uma hierarquia urbana, vai expressar a dependência ou não das empresas que se localizam em ambas as cidades, sendo que a empresa que se aloca em uma cidade centro poderá ter acesso a tecnologias, infraestrutura e mercado consumidor, o que proporcionará um grau elevado de capital.

Observa-se que a cidade centralizadora tem um poder de vácuo devido à forma que os eventos se organizam e faz com que os circuitos se tornem dinâmicos e amplie a sua área de influência. Todavia, diferentemente disso as demais cidades apresentam força de repulsão, já que as empresas instaladas nas cidades menores sofrem com a dependência, a dificuldade de mercado, a pouca infraestrutura para expandir seus negócios, a mão de obra não qualificada, muitas vezes escassa nessas cidades, ou seja, a estrutura dessas cidades não apresenta o arranjo necessário para a evolução dessas empresas.

Nesse processo podemos citar o poder público como agente influenciador nesse processo, ao passo que os órgãos governamentais do estado e da federação escolhe pontos específicos no espaço, temos uma criação de fluxos específicos, que favorecem a determinados pontos do espaço, e neste caso Guarabira, tendo em vista que a mesma sedia órgãos governamentais do estado, Siretran, 2º Regional de Ensino, Hospital Regional, Samu, Coletoria Estadual, etc, e também abriga órgãos Federais, tais como a 12º Vara Federal-Subseção Judiciária de Guarabira, INSS, IBGE, dentre outros órgãos.

A presença dessas estruturas governamentais cria uma nova forma de organização do espaço e uso do território dentro e fora da cidade de Guarabira, atraindo também novos sistemas de engenharia para cidade. A presença dos bancos mostra a fluidez de capital na cidade, quanto maior for a quantidade desse capital material e imaterial na cidade maior será a quantidade de bancos e de outros tipos de meios de capilarização das finanças, sejam estas em pontos eletrônicos de crédito e débito (maquininhas), ou em pontos fixos dentro de mercados e farmácia,

funcionando para aumentar a capilaridade do setor que dirige o capitalismo no período de globalização.

3.2 O centro e sua materialidade condicionante frente aos demais bairros da cidade de Guarabira.

Os circuitos da economia urbana têm características próprias de acordo com a localização, podendo ser assim o circuito superior ou inferior central para os que se localizam na porção central da cidade, ou residencial para os que se localizam em bairros residenciais, essa característica de localização na porção residencial acaba por pertencer mais ao circuito inferior da economia urbana que ao seu par.

A existência de pequenos comércios em garagem e em pequenos boxes que nascem de puxadinhos nas casas, são características do circuito inferior nas áreas residências, como pode ser observado em bairros como Rosário, Nordeste I e II, pequenas lanchonetes e bares de calçada, Açaiterias, além de pizzarias, e vendas de material para construção que funcionam da mesma forma, em pequenos espaços, muitas vezes alugados e outras onde o dono do comércio é o mesmo do imóvel onde o comércio está instalado.

Figura 02 – Estabelecimento de venda de Material para Construção no bairro Nordeste I



Fonte: acervo do autor, 2019.

Figura 03 – Lanchonete e Pizzaria no bairro Nordeste I



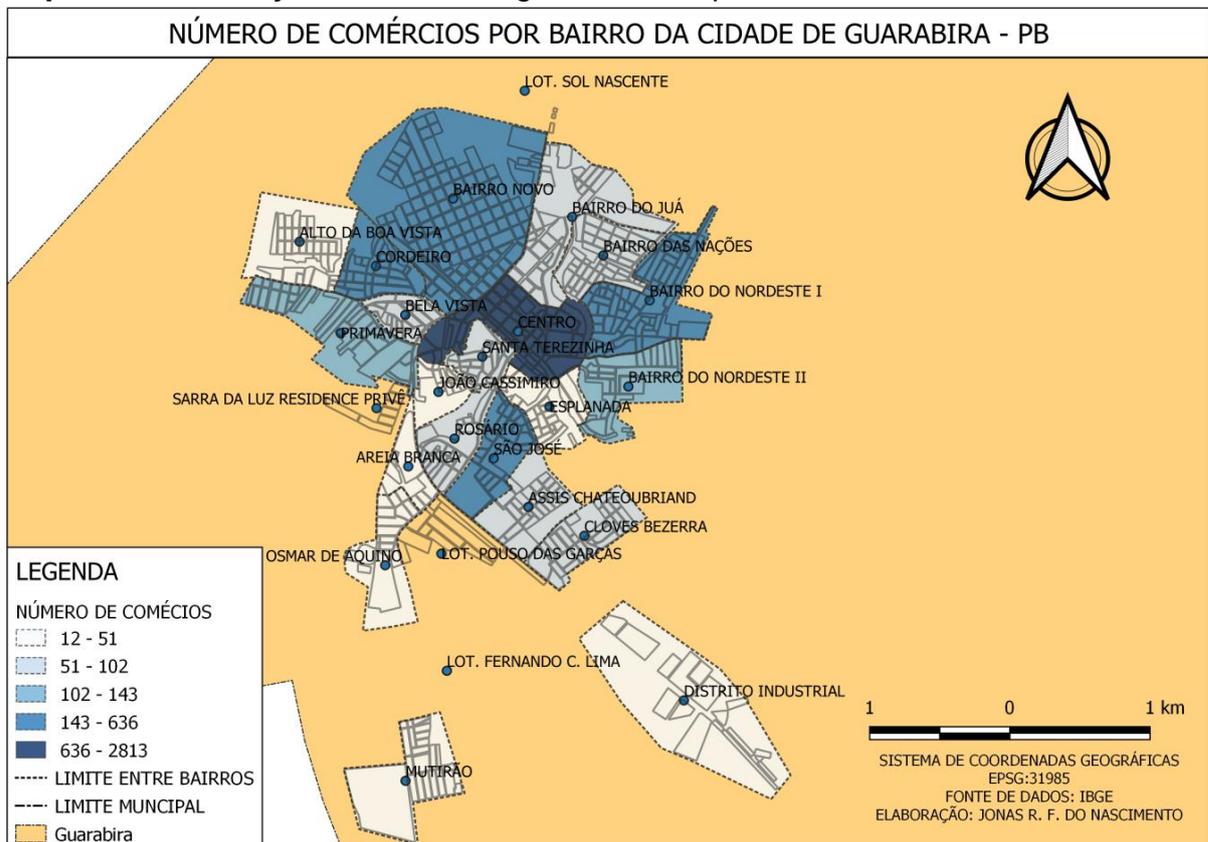
Fonte: acervo do autor, 2019.

Ao analisar os dados que estão disponíveis sobre a localização do comércio guarabirense, percebemos que o mesmo tem uma organização espacial que segue um padrão de dentro para fora da cidade, do bairro central (Centro) para os bairros marginais¹¹, dessa forma a existência de um circuito inferior central se torna visível

¹¹ Aqui marginal é tomado no sentido de estar a margem, distante do centro.

como mostrado no mapa a seguir, a existência de uma concentração de estabelecimentos na porção central da cidade, onde há uma maior dinâmica, mostra necessidade de formas fluidas que possibilitem a existência e o fortalecimento do comércio, seja esse do circuito superior ou inferior.

Mapa 03 – localização do comércio guarabirense por bairro.



Fonte: Elaboração do autor. Dados: Receita Estadual, 2019.

A forma como os circuitos se inter-relacionam e se relacionam com o meio construído se faz de maneira a suprir demandas, no centro da cidade, bairro que possui o maior número de empresas. Nele é possível identificar uma área de diversidade, onde se localizam agentes de ambos os circuitos econômicos, já nos bairros mais afastados do centro inicia-se um processo de especialização com apenas a presença de um ou outro circuito da economia urbana por determinada área resultado do público que se encontra no lugar.

No Bairro Nordeste I, podemos perceber uma especialização¹² de comércios do circuito inferior, isso se dá por haver um número de pessoas com baixo poder

¹² A dispersão dos circuitos da economia urbana pela cidade cria áreas de diversidade e áreas de especialização, a primeira seria a porção do espaço que apresenta a presença de agentes de ambos os circuitos

aquisitivo, mas que precisam consumir, estes encontram no circuito inferior a saída para o consumo, mesmo que de artigos de qualidade, muitas vezes, inferior aos artigos mais modernos. Em bairros como o Bairro Novo, que tem uma classificação igual ao Nordeste I, quanto ao número de empresas podemos entender que há uma tendência de especialização de um circuito superior, entretanto este seria sua porção marginal, com uma forma de existir moderna, entretanto que tem limitações, entretanto falamos de tendência, pois a existência do circuito inferior se mostra muito influente no bairro.

O tipo de comércio existente neste bairro acaba por atender não só um público local, do bairro, mas um público que vem de fora. No bairro podemos encontrar empresas como de venda no atacado (Atacadão Araújo), no ramo de serviços como salões de festa, (Espaço Glamour), no ramo de hotelaria (o Victor Center Hotel), e formas menos modernas como os mercados e mercadinhos (Supermercado Esquina da Economia, Hiper Box Impecável, Supermercado Alves Gama), além de serviços públicos e bancários (Caixa Econômica Federal e a 12ª Vara Federal-Subseção Judiciária de Guarabira) e outros estabelecimento como bares, lanchonetes e pequenas vendas de “magaio” (Panquecaria e Soparia Deguste, lojas de conveniência, espetinho do Renato, Bar do Beija, etc).

Nessa perspectiva o bairro se torna uma realidade fragmentada do todo, da realidade maior, que é a cidade com o seu grau de complexidade (SILVEIRA, 2004). A figura, abaixo, demonstra as condições com as quais os agentes do circuito inferior têm de submeter para continuar a dividir o território e o seu uso com os agentes do circuito superior, incluindo sua porção marginal, ainda que esse uso seja precário e quantitativa e qualitativamente inferior.

Essa submissão se dá devido ao centro ser visto pelos agentes do circuito inferior como um ponto privilegiado no processo de seletividade do espaço, já que “[...] a modernização atinge seletivamente alguns pontos da cidade, privilegiando frações do espaço urbano com diferentes intensidades e velocidades e criando condições distintas para as diferentes atividades econômicas” (ARROYO, 2017, p. 55), o centro então se põem como este espaço de maior intensidade e velocidade.

Assim sendo, os agentes de ambos os circuitos enxergam essa porção do espaço como uma área favorável a sua instalação e sua manifestação enquanto

simultaneamente, enquanto que o segundo, áreas de especialização, seria a porção do espaço que tem a presença de um ou outro circuito, ou o predomínio de um dos dois.

agentes transformadores do espaço geográfico, através da sua forma de organização e de uso do território mesmo que as transformações e a organização do/no território sejam quantitativa e qualitativamente diferentes de acordo com o circuito que está usando-o.

É no centro da cidade que a economia política da mesma se apresenta com maior intensidade e se materializa, um exemplo é a organização dos agentes do circuito inferior que são obrigados a atender os mandos e desmando do governo, que muitas vezes atende apenas aos desejos expostos pelos agentes do circuito superior, como é o caso de Guarabira no Shopping Popular representado na figura 2, estabelecimento entregue no ano de 2015 aos comerciantes de rua, este que não foi entregue como prometido e apresenta inúmeros problema de climatização, espaço interno, localização e divulgação, além de não ser igual ao projeto inicial.

Figura 04 – Entrada do Shopping Popular na cidade de Guarabira.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

É no espaço que se cria a resistência e a possibilidade de continuar a existir, entretanto, o uso do mesmo se faz de forma desigual e contraditória, tendo em vista que nem todos tem os mesmos direitos e as mesmas possibilidade e oportunidades de uso causando uma concorrência desleal entre ambos os circuitos.

Em visita a este espaço da cidade (figura 4), foi percebido que a insatisfação dos agentes que estão atuando lá é tremenda, desde em relação a forma como o poder público os tratou, não entregando da forma como foi prometida, até o lugar que escolheram para eles, em um ponto escondido dentro do mercado público do município, conforme os comerciantes, a escolha por parte dos governantes os desfavoreceram. Os camelôs, que estão neste estabelecimento, afirmam que as vendas caíram muito e atribuem tal fato a localização dos estabelecimentos, e a falta de divulgação que dificulta a comercialização de seus produtos.

Os mesmos alegam que a forma arbitrária do poder público os retirarem das ruas sem consultá-los acerca de onde poderiam ser localizados de maneira favorável acabou trazendo grandes impactos nas vendas, e dessa forma, impactando a renda dos mesmos.

Como consequência, muitos camelôs têm voltado as ruas, e os que continuam no Shopping Popular tentam se reinventar, entretanto sem muita expectativa de melhora. Para alguns, a chegada de lojas de outros seguimentos dentro do Shopping Popular, como calçados e roupas atrairá os consumidores, tendo em vista que as únicas lojas que estavam lá se especializaram em vender artigos eletrônicos, capinhas de celular, serviços de conserto de relógios, etc.

No centro e nos bairros da cidade podem ser encontrados uma diversidade de tipos de comércio, segundo Nascimento (2017) o circuito inferior em Guarabira tem uma extensão para além da mancha urbana, e desta forma se coloca como um circuito forte para a existência dos seus agentes na cidade e para o consumo dos mesmos e dos que vem de outras cidades que estão sobre sua influência.

A existência também de um circuito superior marginal, sendo estas formas menos modernas, que não conseguiram se modernizar pela necessidade da população em consumir os artigos comercializados e/ou produzido pelos mesmo. Para identifica esses comércios do circuito inferior o autor apresenta a seguinte tabela, essa que não traz em si a multiplicidade de agentes que atuam no circuito, mas que pode nos dar uma noção do quanto esse circuito está presente na cidade.

Tabela 01 – Divisão do trabalho no circuito inferior da economia no município de Guarabira/PB – 2016

Comércio	Comestíveis; bebidas; doçaria; farmácia; artigos de perfumaria; bijuterias; armarinho; tecidos e retalhos; confecções; sapataria; artigos domésticos; ferragens e materiais de construção; ferramentas; bombas/ motores/ borrachas/ plásticos/ acessórios para gás; lojinha de utilidades; quitandas; artesanatos; papelaria; artigos de informática e telecomunicações de segunda mão; peças de motocicletas, bicicletas e veículos; máquinas de costura de segunda mão; vendedores ambulantes; variados; outros.
Serviços	Ensino; revelação de fotografias; reparo de eletrodomésticos; oficinas de conserto de automóveis, motocicletas e bicicletas; conserto de relógios e bijuterias; gravação em joias e bijuterias; sapateiro; alfaiataria e costura; marcenaria; serviço de ferreiro, encanador, pintor, borracheiro, jardineiro, eletricitista etc.; chaveiro; afiação de alicates, facas e tesouras; barbearia; cabeleireiro; manicure; depilação; lanchonete; padaria; café; bar; sorveteria; conserto de aparelhos de telecomunicações, de informática e de vídeo <i>games</i> ; fotocópia (Xerox); fabricação de faixas, placas e <i>banners</i> sob encomenda; variados; outros.
Indústria	Gráficas; móveis; carimbos; sabão e detergentes; variados; outros.
Transportes	Serviço de carroceiro; pequenas entregas; transporte de mercadorias; transporte de pessoas; motoboy; mototáxi; perueiros; variados; outros.
Outros	Catadores de lixo; flanelinhas; variados; outros.

Fonte: Nascimento (2017, p. 40)

Desse modo o centro manifesta-se como o espaço do acontecer, onde as rugosidades existentes e as diferentes formas de acumulação do trabalho se intensificam. Ainda que se possa encontrar infraestrutura e até certa dinâmica em outras áreas, o centro continua sendo o recorte privilegiado, acumulando mais, e criando dinâmicas cada vez maiores frente aos demais bairros. “Assim sendo, os agentes do circuito inferior buscam se instalar preferencialmente em localizações centrais da cidade, sobretudo em pontos que representam centros de consumo popular” (MONTENEGRO, 2013, p. 40).

As ruas assim se fazem como pontos privilegiados não só do fluxo de pessoas, mas também da comercialização de produtos. Como as ruas das áreas centrais tem maior dinamicidade, se tornam recortes mais cobiçados por todos, desde agentes do circuito superior ao inferior. O circuito superior faz isso por meio das vitrines que levam os consumidores ao consumo inicial ainda nas ruas, os agentes do circuito inferior pela abordagem com as mercadorias em taboas em bancos de feira ou até nas mãos.

3.3 Financeirização do território e a seletividade do espaço

Cada circuito da economia urbana tem uma forma própria de relacionar-se com as finanças, e esse relacionamento se dá através de meios burocráticos, os bancos e financeiras, e meios não burocráticos ou menos burocratizados, ajiotas e pontos eletrônicos de cartões, respectivamente. Outrossim podemos perceber que a forma de organização das finanças hoje tem atraído o circuito inferior até as teias do setor financeiro, através de empréstimos e utilização de novas formas de venda em seus pequenos comércios. Na cidade de Guarabira, segundo Nascimento (2017), no ano de 2017 cerca de 52,9% dos comerciantes do circuito inferior na cidade aceitavam cartão de crédito e débito em seus estabelecimentos.

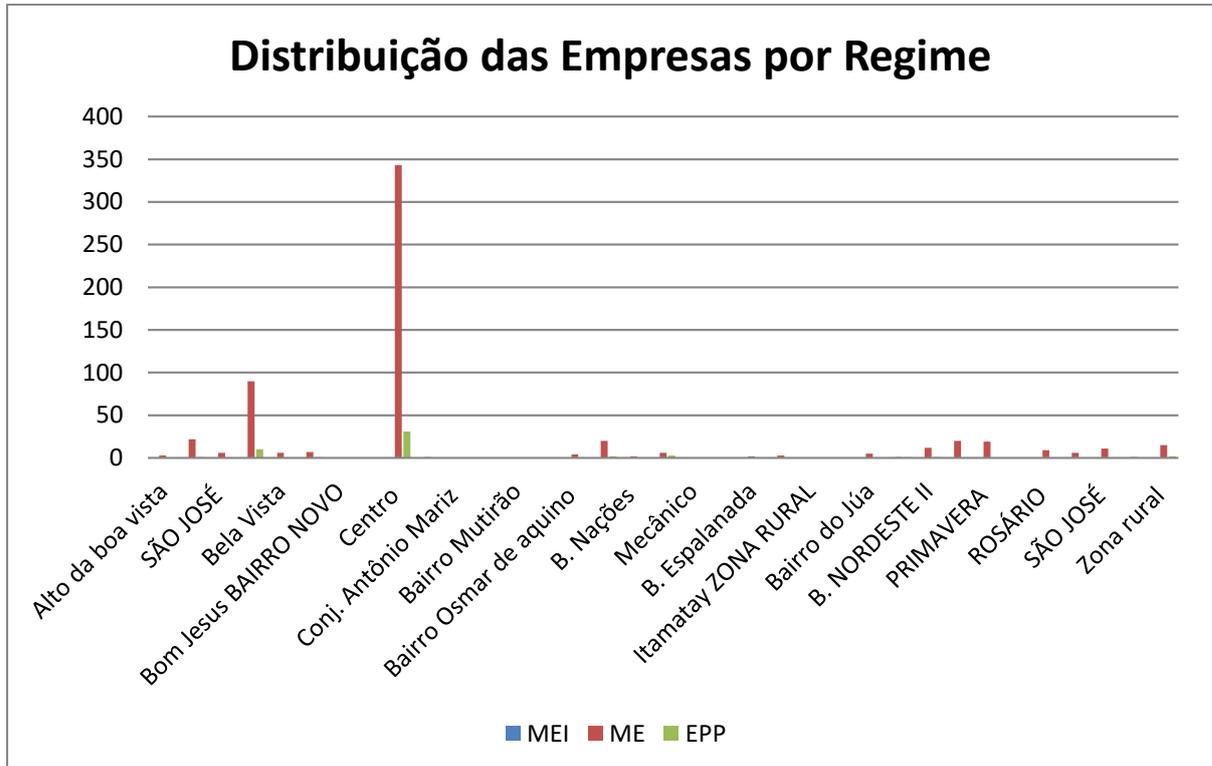
Assim o espaço se torna seletivo ao ponto que as empresas e as firmas selecionam os lugares que devem ser privilegiados, ou se posicionam de forma a se beneficiar de uma situação geográfica posta por uma série de eventos que chegaram e modificaram o uso e ocupação do território, assim como a forma que as finanças se comportam no território, com os diferentes circuitos (GUTTMANN, 2008).

Ao relacionar esse fenômeno com os circuitos da economia urbana, percebemos que os agentes menos favorecidos, os que compõem o circuito inferior, têm estabelecimentos móveis e em muitos casos precários. Como também as lojas fixas do circuito inferior são fixos geográficos que compõem a paisagem urbana, e torna o uso do território seletivo, uma vez que as maiores e/ou melhores áreas da cidade ficam a cargo do circuito superior, onde se localizam os bancos e as grandes firmas de venda de vestuário, calçado, móveis, financeiras, farmácias, etc.

Em contradição a isso, os ambulantes, vendedores móveis, que podem se locomover de um lugar para o outro, buscam sempre o melhor ponto de venda, e isso gera uma contradição, não mais os agentes do circuito superior ficam com as melhores áreas, mesmo que ainda tenham os melhores estabelecimentos, estes têm

que dividir o espaço com os agentes do circuito inferior e compartilhar a atenção de seus clientes. Assim o uso do espaço passa a ser banal, onde todos os agentes têm o poder de usar mesmo que ainda de forma diferente qualitativa e quantitativamente.

Grafico 04 – Distribuição das empresas por regime de arrecadação na cidade de Guarabira/PB.



Fonte: Secretaria de estado da receita, 2020.

Observando a forma de organização dessas formas conteúdos (SANTOS, 2014), acrescidas de novas variáveis, pode se falar que a utilização de recursos técnicos perpassando as relações estabelecidas entre ambos os circuitos, complexificando a relações estabelecidas entre eles, cada vez mais tornando-os pares dialéticos interdependentes entre si (SANTOS, 1979; SILVEIRA, 2009). Desse modo podemos compreender que:

A forma de distribuição dos agentes financeiros se faz para facilitar o acesso e o consumo dos produtos por eles fornecidos, assim o crédito consignado e outros tipos de empréstimos para aposentados e pensionistas, se torna algo cada vez mais facilitado nos centros urbanos, nas zonas de aglomeração que polariza número exprecivo de pessoas. Segundo Silva (2015) A possibilidade de empréstimos é facilitada aos aposentados, pensionistas do INSS, militares das forças armadas e servidores públicos (civis federais, estaduais e municipais), dada a possibilidade destes agentes econômicos realizarem o chamado “crédito consignado”. Para sua realização, algumas instituições exigem, além de fotocópias de RG, CPF e comprovante de residência, um talão de cheques, para confirmar a

existência de conta corrente em banco; outras exigem extrato bancário. Cabe ressaltar que tais instituições se utilizam da propaganda de “não realizar consulta ao SPC/Serasa”, sobretudo para permitir a realização de empréstimos por parte dos clientes que se utilizam das novas operações para o pagamento de dívidas anteriores (SILVA 2015, p. 101-102).

As novas formas de empreendedorismo se faz como nova forma de capilarização do sistema capitalista frente ao circuito inferior (CONTEL, 2009), apresentando facilidades de acesso ao crédito menos burocrático, e assim, incentivando os agentes que pertencendo ao circuito inferior se posicionam em uma porção dita formal. O uso de equipamentos modernos pelos agentes do circuito inferior na cidade se põe como algo pertinente não em relação a localização e seletividade, mas com relação a forma de existência e forma de relacionar-se com o circuito superior e as finanças, que transforma as relações entre ambos os circuitos de maneira mais intença

Sciré (2011), ao falar do poder de consumo dos agentes do circuito inferior, alerta que essa facilidade de acesso ao crédito e a financeirização tem levado os consumidores do circuito inferior a um endividamento cada vez mais crescente, esse apartir de uma facilitação do acesso ao crédito através de formas materiais e imateriais, as formas materiais se dão através dos pequenos Boxes, esses espalhados pela cidade, mas ainda presentes apenas no centro.

As formas imateriais são as propagandas montadas pelas financeiras e empresas que concedem crédito na cidade, que busca atrair e ampliar o número de consumidores, pois alega emprestar “sem consulta ao SPC ou Serasa” (SANTOS, 2008; SILVEIRA, 2009; CARNEIRO, 2015), Oferece um empréstimo através do cartão de crédito, ainda mais facilitado ao agente do circuito inferior, sendo o meio imaterial a ideia de facilidade de crédito e de resolução de todos os problemas que seriam consequência da falta do dinheiro.

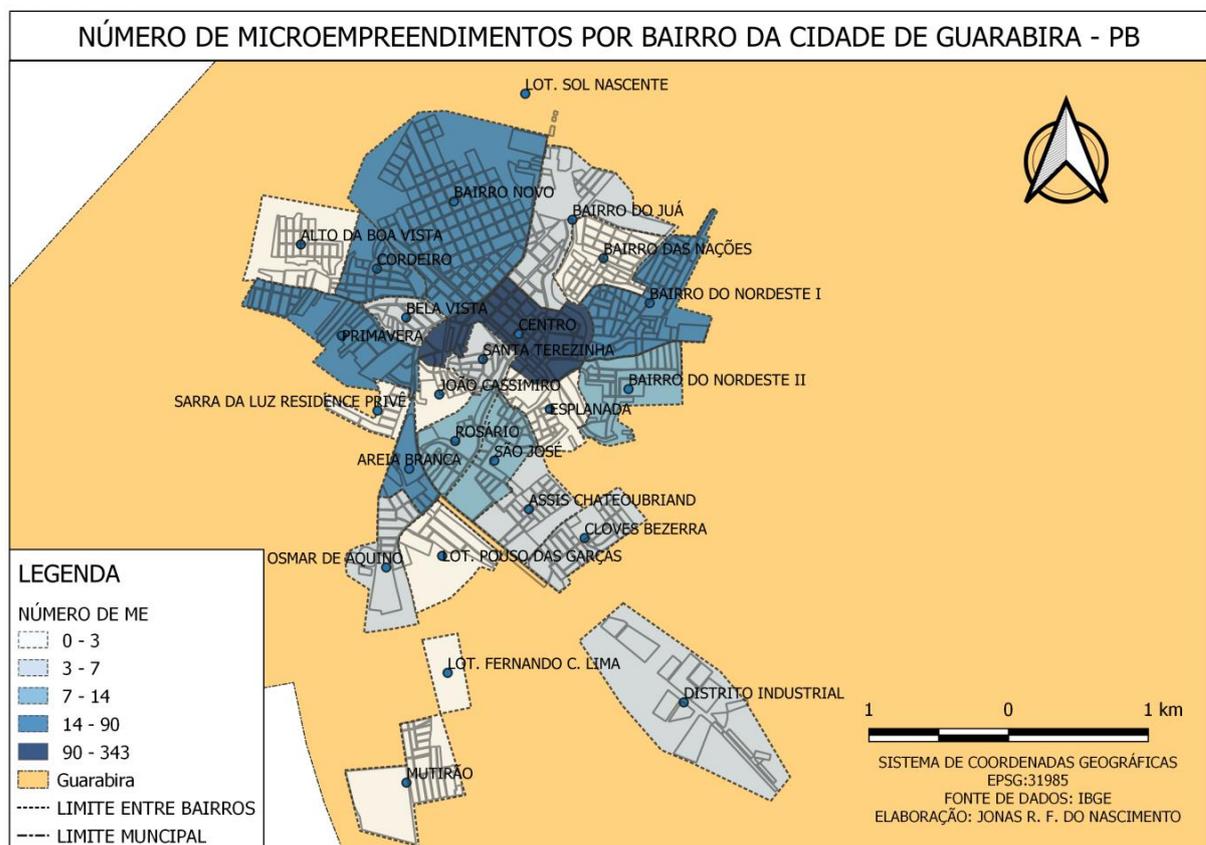
Desse modo, a ideia de uma formalidade traz uma ideia de modernização, entretanto, os diferentes acessos às novas tecnologias ainda se apresenta como característica fundamental de distinção entre ambos os circuitos, a acessibilidade que o circuito inferior tem em detrimento ao seu par dialético ainda é grande. Nesse contexto as empresas podem ser classificadas em MEI¹³, ME e EPP,

¹³ A figura jurídica do Micro Empreendedor Individual (MEI) foi criada pela Lei Complementar 128 de 2008, que aprimorou a Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas (LC 123/06) e entrou em vigor em julho de 2009. Foi criada com o objetivo de formalizar, através do SEBRAE, os mais de 10 milhões de

respectivamente Microempreendedor individual, Microempreendedor e Empresa de Pequeno Porte.

Segundo o Portal do Empreendedor, do próprio Governo Federal, o MEI seria uma empresa com um ganho anual de até 81 mil reais e que não emprega mais que um funcionário, este empreendimento tem um acesso facilitado a empréstimos e um regime de pagamento de impostos menor que as demais empresas. Dessa forma as finanças e o setor criam novas capilaridades, graças a ação do Estado, fazendo com que o capitalismo seja dirigido, no período atual pelas finanças (GUTTMANN, 2008).

Mapa 04 – localização dos microempreendimentos por bairro na cidade de Guarabira.



Fonte: Secretaria da Receita do Estado, 2019.

chamados “microempreendedores” ou trabalhadores por conta própria. A adesão à figura do MEI implica a legalização de pequenos negócios com receita bruta anual de até R\$ 36 mil. Os “microempreendedores” podem ter um funcionário com renda de até um salário mínimo mensal ou piso da categoria e não podem ter sócios e filiais, e tampouco ser titular sócio ou administrador de outra empresa. O Micro Empreendedor Individual (MEI) se torna isento do pagamento de certos tributos, mas deve pagar uma taxa fixa mensal de 11% do salário mínimo vigente a título de contribuição previdenciária ao INSS, R\$ 1 de para o Estado se a atividade for comércio ou indústria ou R\$ 5 de se a atividade for prestação de serviço. Através desse recolhimento, o Microempreendedor Individual (MEI) tem direito à aposentadoria por idade ou invalidez e licença-maternidade, entre outros benefícios, além de a família ter direito à pensão por morte do segurado e auxílio-reclusão (SEBRAE, 2020).

O ME por sua vez, tem um faturamento anual bem maior, podendo chegar até 360 mil reais, e podendo ter de 9 a 19 funcionários de acordo com o ramo de negócio escolhido pelo microempreendedor, entretanto esse ainda pode ser enquadrado no circuito inferior quando se trata das empresas que estão no início dessa pirâmide, em uma espécie de transição entre o MEI e o ME, e as demais como empresas do circuito superior marginal, com as rugosidades que são entraves para seu desenvolvimento. No mapa 04 pode se espacializar as empresas que fazem parte dessa categoria MEI na cidade de Guarabira por bairro.

Na cidade de Guarabira, assim como em outras cidades, a materialidade, ou seja, o meio construído, se torna um elemento constitutivo dos circuitos, criando o que se pode chamar de condições materiais para a ação e a existência de ambos os circuitos no território, usando-o de diferentes formas (TAVARES, 2014; MONTENEGRO, 2013). A concentração de MEI na cidade em análise é um forte exemplo do fenômeno de fortalecimento do mesmo na cidade. Para Silveira (2009), o meio construído é uma das principais fontes de compreensão dos circuitos e sua existência. Segundo Montenegro,

Para além da valorização desigual do meio construído, podemos apontar certos elementos que, combinados a essa valorização diferencial das localizações e, de certa forma, permitidos por ela, implicam tal distribuição característica do circuito inferior no tecido urbano dessas cidades (MONTENEGRO, 2013, p. 39).

Além de entender que a existência de MEIs no território é uma manifestação de tentativas do governo em formalizar os pequenos empreendimentos, isso também mostra um crescente número de pequenos capitais, antes considerados como inexistente, e por isso desconsiderado na compreensão da estrutura da cidade. A forma de agir desses agentes, quando ainda na informalidade, pode ser muitas vezes entendida como uma consequência da fraqueza em empreender, entretanto pode ser dito que a opção por uma não formalização está diretamente ligada as altas taxas tributárias do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Graças as mais variáveis formas de trabalho nos circuitos, e sua profunda divisão social do trabalho, o espaço aprofunda cada vez mais a sua seletividade de setores da economia e indivíduos que trabalham no mesmo. Sendo assim o espaço acaba por selecionar os grupos de indivíduos que se localizam em determinados pontos, ora luminosos, ora opacos, fazendo com que possam existir áreas de repulsão e áreas de atração no espaço urbano.

Desse modo pode ser observado na cidade de Guarabira, uma seletividade no que diz respeito as atividades com uma expressividade na cidade, como as lojas de roupa e calçados, podendo essas serem divididas em lojas de um circuito superior e outras pertencentes ao seu par dialético.

Portanto, a seletividade no espaço urbano da cidade de Guarabira se confunde, pois a mesma rua que abriga uma loja, relativamente, de grande porte, abriga também uma pequena loja, que não aceita outra forma de pagamento que o pagamento em dinheiro, realidade encontrada na Av. D. Pedro II e até mesmo na Costa Beiriz, onde se tem lojas como a D'Lu e Casas Bahia, e uma loja onde todas as peças são 12 reais.

Assim, cada vez mais o espaço dos agentes de ambos os circuitos se confunde, causando mais complexidade na análise e na relação entre ambos. Na cidade, a presença de Micro Empreendimentos Individuais (MEI) chama atenção, sendo o espaço central da cidade, geralmente um espaço de valor elevado no que se refere a alugueis e tributos municipais para esses agentes; ainda assim eles conseguem se localizar nessa porção da cidade, mesmo que não utilizem da mesma forma o meio construído existente na mesma. Para Silveira (2015) esse se torna um elemento constitutivo por causa das diferentes formas que os agentes de ambos os circuitos utilizam da mesma área de forma diferente.

Essa diferença na cidade de Guarabira pode ser vista na forma de organização dos comércios, na estrutura das lojas, quando há lojas dos agentes do circuito inferior. O outro fator que chama atenção é o Shopping Popular, que contém um bolsão depositário de agentes do circuito não hegemônico, em detrimento do fortalecimento de um circuito superior e superior marginal que querem ter as principais vias "limpas" da presença desses agentes indesejáveis. Além de ter uma

dificuldade maior nas vendas, os agentes do circuito inferior enfrentam problemas estruturais, como tamanho dos boxes, altas temperaturas e rusticidade na construção. Para esses agentes, tudo isso faz ainda mais com que os clientes evitem estar no ambiente, além de uma não divulgação do novo espaço, o que dificulta a ação desses agentes.

Concluindo é necessário que se observe a correlação dos demais bairros com o centro quando se trata da localização seletiva das empresas, é observado que o centro abriga a maior quantidade de empresas de todos os seguimentos e regimes tributários. Ao observar os demais bairros podemos perceber que há uma presença maior de empresas de regime MEI, ao andar por muitos podemos verifica ainda a existência de pequenos comércios de garagem, simbolizando uma presença maior dos agentes do circuito inferior da economia urbana, mostrando assim que o espaço da cidade é seletivo também em sua estrutura de bairros.

Desse modo podemos concluir que a presença do circuito inferior central na cidade dá maior dinamicidade as atividades centrais da cidade e a sua porção residual, atende ao fato de muitos agentes não poderem consumir no centro da cidade, por fatores materiais de localização, isso obriga o surgimento dessa porção do circuito inferior denominado residual, que atende as necessidades de uma porção do bairro ao qual faz parte.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Jacinto. **Êxodo rural na Paraíba (do campo à cidade)**. João Pessoa-PB: gráfica UNIPÊ, 1998. 261 P.

ARROYO, Monica. **A economia invisível dos pequenos**. In: DANTAS, Aldo; ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio. Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2017. p. 53-62.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos hoje**. Mossoró-RN: editora UERN, 2015, 203 p.

CONTEL, F. B. **Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil**. Cadernos CRH, v. 22, p. 119-134, 2009.

CONTEL, Fabio Betioli. **Território e Finanças: Técnicas, Normas e Topologias Bancárias no Brasil**. Tese (Doutorado em geografia Humana) – universidade de São Paulo, 2006. 323p.

DANTAS, Aldo. **Circuitos espaciais de produção e lugar**. In: DANTAS, Aldo; ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio. Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2017. p. 111-118.

GOMES, Pulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro-RJ: editora Bertrand Brasil, 1996, 366 p.

GUTTMANN, R. **Uma Introdução ao Capitalismo Dirigido Pelas Finanças**. Novos Estudos, n. 82, p. 11-33, 2008.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias** - 2017, Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro. IBGE, 2017. 82p.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Regiões de Influência de Cidades – 2007**. Rio de Janeiro. IBGE, 2008.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Regiões de Influência de Cidades – 2019**. Rio de Janeiro. IBGE, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 27^a Ed, Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2008.

MONTENEGRO, M. R. **Dinamismos Atuais do Circuito Inferior da Economia Urbana na Cidade de São Paulo: expansão e renovação.** Espaço e Tempo, São Paulo, n. 34, p. 33-45, 2013a.

MONTENEGRO, M. R. **Globalização, Trabalho e Pobreza no Brasil Metropolitano: O Circuito Inferior da Economia Urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém.** 2011. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 291p.

MONTENEGRO, M. R. **Novos Nexos Entre os Circuitos da Economia Urbana nas Metrôpoles Brasileiras.** Revista ANPEG, v. 9, nº 11, P.29-41, jan./jun. 2013b.

MONTENEGRO, M. R. **O Circuito Inferior da Economia Urbana na Cidade de São Paulo no Período da Globalização.** Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006. 203p.

MONTENEGRO, Marina Regitz. **A Teoria Dos Circuitos da Economia Urbana de Milton Santos: De seu Surgimento à sua Atualização.** Revista Geográfica Venezolana, vol. 53, Nº 1, janeiro-junho, 2012, pp. 147-164

MONTENEGRO, Marina Regitz. **Da continguidade ao alargamento das escalas: topologias do circuito inferior no período atual.** In: DANTAS, Aldo; ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio. Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2017. p. 361-366.

MONTENEGRO, Marina Regitz. **Financeirização, Consumo e Cotidiano: Um Olhar Sobre os Novos Nexos na Periferia De São Paulo.** In: XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. A construção do Brasil: Geografia, ação política e democracia, 2016, São Luiz. Anais Eletrônicos. São Luiz/MA, 2016. p. 1-11.

MONTENEGRO, Marina; CONTEL, Fabio. **Financeirização do território e novos nexos entre pobreza e consumo na metrópole de São Paulo.** *EURE (Santiago)* [online]. 2017, vol.43, n.130, pp.115-139.

NASCIMENTO, Jonas Rafael Ferreira. **A materialidade como condição a ação: uma análise do circuito inferior da economia urbana em Guarabira/PB.** Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, 2017, 72 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed., 5. reimpr. São Paulo: Edusp, [1996] 2009a. 392p.

SANTOS, Milton. **Economia Espacial: críticas e alternativas.** Tradução Maria Irene Q. F. Szmrecsányi.-2 ed., 1ª reimpressão. Editora EDUSP, São Paulo,

2007. 208p.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ª edição. 2ª reimpressão - São Paulo: EDUSP, 2014b. 120p.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. Colaboração com Denise Elias- 6 ed. 2 reimp. – EDUSP, São Paulo, 2014a, 136p.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. Tradução Myrna T. Rego Viana. -2 ed.. Editora EDUSP, São Paulo, [1979] 2008a. 440p.

SANTOS, Milton. **O Espaço Geográfico e Urbano**. In:_____. Da Totalidade ao Lugar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 55-113.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 3ª edição. 1ª reimpressão São Paulo: EDUSP, 2008b. 288p.

SCIRÉ, C. D. de O. **Financeirização da Pobreza: Crédito e Endividamento no Âmbito das Práticas Populares de Consumo**. Teoria & Pesquisa, v. 20, p. 65-78, 2011.

SILVA, Flávia Cristine. **A Creditização do Território e o Circuito Inferior da Economia Urbana na Região Metropolitana de Campinas**. Boletim Campineiro de Geografia, v. 5, n. 1, p. 95-118, 2015.

SILVEIRA, Maria Laura. **Da Pobreza Estrutural à Resistência: Pensando os Circuitos da Economia Urbana**. In:_____. Crise, práxis e autonomia: o espaço de resistência e de esperanças espaço de diálogo e práticas. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, Realizado de 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre – RS.

SILVEIRA, Maria Laura. **Finança, Consumo e Circuito da Economia Urbana na Cidade de São Paulo**. Caderno CRH, v.22, n.55, p.65-76, 2009

SILVEIRA, Maria Laura. **Globalización y Circuitos de la Economía Urbana em Ciudades Brasileñas**. Cuadernos del CENDES. Caracas, ano 21, n. 57, p. 1-21, set./dez. 2004

SILVEIRA, Maria Laura. **Modernização Contemporânea e Nova Constituição dos Circuitos da Economia Urbana**. Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 19, n. 2, p. 246-262, ago. 2015.

SILVEIRA, Maria Laura. **Território Usado: Dinâmicas de Especialização, Dinâmicas de Diversidade**. Revista Ciência Geográfica. Ano 15, nº 15. Bauru: Janeiro/Dezembro – 2011, p. 4-12.

SILVEIRA, Maria Laura. **Uma Situação Geográfica: Do Método à Metodologia**. Revista TERRITÓRIO, ano IV, nº 6, jan./jun. 1999.

SILVEIRA, M. L. **Modernização contemporânea e nova constituição dos circuitos da economia urbana**. Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 19, n. 2, p. 246-262, ago. 2015.

SILVEIRA, Maria Laura. **Urbanização latino-americana e circuitos da economia urbana**. In: DANTAS, Aldo; ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio. Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2017. p. 63-82.

TAVARES, Mateus Augusto Avelino. **Elementos teóricos para a compreensão dos dois circuitos da economia urbana no Rio Grande do Norte – Nordeste**. In: DANTAS, Aldo; ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio. Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2017. p. 417-440.

TOZI, Fábio. **Uma compreensão sistemática do fenômeno da pirataria a partir da teoria dos circuitos da economia urbana: um exercício teórico metodológico**. In: DANTAS, Aldo; ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio. Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2017. p. 387-416.